

WILLIAN RADÜNZ

**VARIAÇÃO E MUDANÇA LEXICAL DA LÍNGUA BRASILEIRA DE
IMIGRAÇÃO ALEMÃ HUNSRÜCKISCH EM CONTATO COM O
PORTUGUÊS E O ESPANHOL: ANÁLISE PLURIDIMENSIONAL DA
VARIÁVEL <FÓSFORO/STREICHHOLZ>**

Porto Alegre

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LET – 01440 - MONOGRAFIA
LINHA DE PESQUISA: SOCIOLINGUÍSTICA

VARIAÇÃO E MUDANÇA LEXICAL DA LÍNGUA BRASILEIRA DE
IMIGRAÇÃO ALEMÃ HUNSRÜCKISCH EM CONTATO COM O
PORTUGUÊS E O ESPANHOL: ANÁLISE PLURIDIMENSIONAL DA
VARIÁVEL <FÓSFORO/STREICHHOLZ>

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Porto Alegre

2016

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elisa Battisti

Profa. Dra. Karen Pupp Spinassé

Trabalho monográfico apresentado em 22 de junho de 2016

AGRADECIMENTOS

À minha família, Erica Traudi, Alírio Radünz, Cleidi Radünz Hemilã, Adriane Radünz Müller, Everton, Alcênio, Leonardo, Alexandre, Ana Carolina.

Ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen, pelo acolhimento, apoio, parceria e conhecimentos e projetos compartilhados ao longo do curso e, agora, certamente ao longo da vida.

Ao meu amigo, sobrinho, parceiro de projetos pra vida, Lucas Löff Machado.

À UFRGS, à casa do estudante e aos programas de assistência estudantil, responsáveis por possibilitar a minha graduação, permanência em Porto Alegre e mudança na minha vida.

Aos professores do curso de Letras e de Física da UFRGS, pela enorme contribuição na minha formação acadêmica e humana.

À Friederich-Alexander Universität de Erlangen-Nürnberg, pelo acolhimento em meu semestre de intercâmbio, especialmente a Karen Pupp Spinassé, responsável da UFRGS pela parceria .

Aos projetos ALMA, ALiB, ALERS, ADDU e ALGR pela inspiração.

Aos maninhos e maninhas, Rafael, Gustavo, Zuleica, Ana Paula, Champions, Tess, Fernando, Sabrina, Jussara, Gabriel, Gerônimo, Luana, Monique, Nicole.

*“Die Frage ist zu gut, um sie mit einer Antwort zu verderben.” /
“A pergunta é boa demais para ser estragada com uma resposta.”*

(Robert Koch)

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema a variação lexical da língua de imigração alemã Hunsrückisch (pt. hunsriqueano) em contato com o português e o espanhol na rede de pontos do projeto ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch* - www.ufrgs.br/projalma). O estudo centra-se na macroanálise pluridimensional da variável <Fósforo/Streichholz>, motivado principalmente pela sua alta variabilidade e diversidade de processos de ampliação lexical (dialetalismos, empréstimos, hibridismos) de suas variantes. A investigação propõe-se a descrever, mais especificamente, o uso variável das diferentes formas encontradas e se há uma correlação entre esse uso com as localidades e áreas de difusão do hunsriqueano (dimensão diatópica e diatópico-cinética), considerando diferentes faixas etárias (dimensão diageracional) e níveis de escolaridade (dimensão diastrática, v. THUN, 1998). Ao mesmo tempo, é objetivo do estudo apreender, na dinâmica da variação lexical em questão, as condições em que se dá a mudança linguística do Hunsrückisch, identificando a direção em que se desenvolve essa variedade minoritária, no sentido de uma maior ou menor dialetalidade ou standardização, ou ainda de uma maior ou menor influência de línguas de adstrato, sobretudo do português e do espanhol. A partir da base de dados do macroprojeto ALMA-H, foram transliteradas 128 entrevistas referente à variável <Fósforo/Streichholz>. A partir desses dados, foram elaborados mapas linguísticos em série do conhecimento ativo e passivo das 6 variantes mais frequentes para <Fósforo/Streichholz>, além de análises estatísticas e testes de significância. Os resultados desta pesquisa indicam que as motivações do polimorfismo da variável estudada estão relacionadas, de um lado, à grande quantidade de variantes da matriz de origem e, de outro, aos contatos linguísticos estabelecidos no Brasil, Argentina e Paraguai. As variantes de base alemã são empregadas especialmente pela geração mais velha (GII), enquanto que a geração mais jovem (GI) prioriza o uso de variantes resultantes de processos de ampliação lexical (hibridismos, empréstimos integrados e não integrados). O uso de variantes resultantes de processos de ampliação lexical é, além disso, mais frequente entre falantes com escolaridade maior (Ca), ao passo que os mesmos fazem um menor uso de variantes de base alemã..

Palavras-chave: Variação e mudança lexical; contatos linguísticos; língua de imigração alemã; Hunsrückisch; dialetologia pluridimensional.

RESÜMEE

Die vorliegende Untersuchung befasst sich mit der lexikalischen Variation des Hunsrückischen (pt. hunsriqueano), einer Sprache der deutschen Einwanderer/Einwanderung im Kontakt mit dem Portugiesischen und Spanischen im Untersuchungsgebiet des Sprachatlases ALMA-H, (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch* - www.ufrgs.br/projalma). Im Vordergrund steht die pluridimensionale Makroanalyse der linguistischen Variable <Fósforo/Streichholz>. Charakterisiert wird diese Variable durch eine große Variabilität und eine Vielfalt an lexikalischen Prozessen (Dialektalismen, Entlehnungen, Hybridbildungen). Ziel der Untersuchung ist es, den variierenden Gebrauch der verschiedenen sprachlichen Formen zu beschreiben, sowie auch der Frage nachzugehen, ob dieser Gebrauch mit dem Gebiet und der arealen Verteilung des Hunsrückischen korreliert (Analyse der diatopischen und kinetisch-diatopischen Dimension). In der Studie werden außerdem sowohl die verschiedenen Altersstufen (diagenerationelle Dimension) der Befragten berücksichtigt, als auch deren unterschiedlicher Bildungsgrad (diastratische Dimension, siehe THUN, 1996). Gleichermaßen sollen in der vorliegenden Untersuchung die Umstände verstanden werden, unter welchen sich die linguistischen Veränderungen des Hunsrückischen ergeben, wobei hierzu insbesondere die Dynamik der untersuchten lexikalischen Variation herangezogen wird. Schließlich soll herausgearbeitet werden, welche Tendenzen in der Entwicklung dieser Minderheitenvarietät überwiegen, namentlich die Entwicklung hin zu einem Dialekt oder die Tendenz zur Herausbildung einer Standardsprache. Ebenso soll untersucht werden, ob die Adstrate, insbesondere das Portugiesische und Spanische, größeren oder geringeren Einfluss auf das Hunsrückische nehmen. Die Untersuchungen zur Lexik dieser brasilianischen Einwanderungssprache spiegeln, wie Altenhofen (1996) nachweist, unterschiedliche Phasen der Untersuchungen zum deutsch-portugiesischen Sprachkontakt wider und folgen damit den jeweiligen vorherrschenden Theorien und Entwicklungen auf dem Forschungsgebiet. In der ersten Phase wird das Hauptaugenmerk darauf gelegt, vor allem die lexikalischen Transfers vom Portugiesischen zum Hunsrückischen abzubilden, wozu insbesondere unsystematische Fragebögen, die an die Sprecher des Hunsrückischen verteilt wurden, ausgewertet wurden oder die im Hunsrückischen verfassten Erzeugnisse der lokalen Presse (wie

z.B. Brummbär-Kalender, Deutsche Zeitung) auf dieses Phänomen hin untersucht wurden. Indem diese Untersuchungen eine ganze Reihe wichtiger Aspekte (wie z.B. Beibehaltung regionaler Varianten mit Ursprung aus dem Deutschen, oder deren diatopische, diastratische und diagenerationelle Variation) nicht berücksichtigten, trugen sie maßgeblich in der Herausbildung der weit verbreiteten Auffassung bei, dass eine „sprachliche Durchmischung“ vorliege und es sich um ein „gebrochenes Deutsch“ handle. Auf der Basis erhobener Daten des Makroprojekts ALMA-H wurden 128 Antworten auf die Frage 62 <Fósforo/Streichholz> im Teil Clex des Fragebogens des Projektes, der sich mit der Lexik befasst, transliteriert. Ausgehend von dieser Datenerhebung wurden Sprachkarten der 6 häufigsten Varianten für <Fósforo/Streichholz> erstellt und statistische Datenanalysen und Tests zur Aussagekraft der erhobenen Daten durchgeführt. Die Ergebnisse dieser Untersuchung lassen darauf schließen, dass die Gründe für die Polymorphie der untersuchten Variablen einerseits in der großen Quantität an Varianten in der Ursprungssprache und andererseits bei den vielfältigen Sprachkontakten in Brasilien, Argentinien und Paraguay zu suchen sind. Die deutschen Regionalvarianten (Germanismen) werden vorwiegend von der älteren Generation (GII) gebraucht, wohingegen die jüngere Generation (GI) den Gebrauch von Varianten vorzieht, die in Prozessen der lexikalischen Erweiterung (Hybridformen, integrierte und nicht-integrierte Entlehnungen) entstehen. Der Gebrauch von Varianten, die aus Vorgängen der lexikalischen Erweiterung resultieren, ist darüber hinaus unter Sprechern mit höherem Schulabschluss (Ca) häufiger. Diese Sprecher verwenden daher auch weniger Germanismen.

Schlüsselwörter: Lexikalische Variation und lexikalischer Wandel; Hunsrückisch; Pluridimensionale Dialektologie; Sprachkontakt(e).

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURA

ALERS: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil

ALMA-H: Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata:
Hunsrückisch

DWA: Deutscher Wortatlas

DiWA: Digitaler Wenker-Atlas

Hr.: hunsriqueano

MRhSA: Mittelrheinischer Sprachatlas (Atlas Linguístico da Renânia Central)

Pt.: português

PtRS.: português rio-grandense

StDt.: alemão-padrão (Standarddeutsch)

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 01: Modelo da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional, na relação entre dialetoologia tradicional e sociolinguística, segundo THUN (1998).....	22
Figura 02: Entrevistas realizadas em cada localidade, abrangendo as dimensões diageracional e diastrática (caso do ALMA-H, ADDU e ALGR).....	24
Figura 03: Pergunta 062 do Questionário do ALMA-H, referente à variável <fósforo/Streichholz>.....	31
Quadro 01: Dimensões de análise da variação linguística, segundo Thun (2010).....	23
Quadro 02: Dimensões de análise consideradas pelo ALMA-H.....	27
Quadro 03: Perfis sociolinguísticos não disponíveis em algumas localidades.....	29
Quadro 04: Partes do questionário utilizado pelo projeto ALMA-H para as entrevistas.....	30
Quadro 05: Tipologia das variantes lexicais de <Fósforo/Streichholz>.....	36
Quadro 06: Frequência relativa das variantes analisadas.....	41
Quadro 07: Variantes com frequência relativa por grupos.....	43

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Mapa 1: Áreas dialetais da matriz de origem das variedades de imigração alemã. Em destaque área do Westmitteldeutsch.....	18
Mapa 02: Rede de pontos do Projeto ALMA-H com indicação do ano de fundação das localidades e das 128 entrevistas concluídas.....	28
Mapa 03: Mapa das variantes de Streichholz ‘fósforo’, conforme o DWA.....	37
Mapa 04: Mapa das variantes de Streichholz (Fósforo) da matriz germânica, com destaque as variantes mais frequentes da região do Hunsrück.....	38
Mapa 05: Mapa das variantes de Fósforo utilizadas na região sul do Brasil.....	40
Mapa 06: variantes de <Streichholz/Fósforo> utilizadas em Hrs. no Rio Grande do Sul de acordo com Altenhofen (1996).....	42
Mapa 07: Mapa para a variante <i>Fixfeuer</i>	45
Mapa 08: Mapa das variantes de <Streichholz> ‘Fósforo’ da matriz germânica, com entrevistas realizadas no início da década de 70.....	46
Mapa 09: Variantes de <Streichholz> na competência em vestfaliano, segundo Horst (2014)	47
Mapa 10: Ocorrência da variante <i>Fósforo</i> , no hunsriqueano	48
Mapa 11: Ocorrência da variante <i>Fosfeuer/Fosfeier</i> no hunsriqueano	49
Mapa 12: Ocorrência da variante <i>Streichholz</i> . no hunsriqueano	50
Mapa 13: Ocorrência da variante <i>Feierzeich</i> ,. no hunsriqueano	51

SUMÁRIO

RESUMO	06
ZUSAMMENFASSUNG.....	07
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	09
LISTA DE FIGURAS E QUADROS.....	10
LISTA DE MAPAS.....	11
SUMÁRIO	12
INTRODUÇÃO.....	14
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	17
1.1 O Hunsrückisch na matriz de origem.....	17
1.2 O Hunsrückisch como língua brasileira de imigração alemã.....	19
2 FUNDAMENTOS TEÓRICO E METODOLÓGICOS.....	22
2.1 Variação e mudança linguística sob o enfoque da dialetologia pluridimensional.....	22
2.2 Pluricronologia: a mudança linguística na imagem de um “filme”.....	24
2.3 Interação entre entrevistador e informante: técnica “em três tempos”.....	24
2.4 Papel dos contatos linguísticos no léxico.....	25
2.5 Metodologia	26
2.5.1 Dimensões de análise selecionadas.....	27
2.5.2 Rede de pontos e caracterização de arealidades do hunsriqueano.....	28
2.5.3 Variável linguística selecionada	30
2.5.4 Transcrição, catografia e notação utilizada nos mapas	31
2.5.5 Estatística dos dados	32
2.5.6 Tipologização das variantes lexicais.....	33
3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	35
3.1 Repertório de variantes observadas: identificação e tipologização	35
3.2 Frequência de uso das variantes lexicais.....	41
3.3 Análises pluridimensionais	42
3.3.1 Variante <i>Fixfeuer/Fixfeier</i>	44

3.3.2 Variante <i>Fosfer</i>	47
3.3.3 Variante <i>Fosfeuer/Fosfeier</i>	49
3.3.4 Variantes <i>Streichholz e Feierzeich</i>	50
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54

INTRODUÇÃO

Era uma vez um jovem estudante de Letras Licenciatura Português e Alemão pesquisando com seu orientador e colegas variedades linguísticas alemãs faladas no sul do Brasil. Mais do que isso, era um “*Bubchen*” que redescobria ele mesmo e sua família. Nascido em um contexto semelhante ao das localidades pesquisadas, ele via no falar, nos hábitos dos entrevistados um pouco de si, dos seus pais, avós e familiares de Três de Maio e São José do Inhacorá. Nesses laboratórios de sociedade e de linguagem vivenciados por quase 5 anos com o ALMA-H¹, ele também descobria o que era variação e mudança linguística. Esse estudante sou eu, autor da presente monografia, o professor é Cléo Vilson Altenhofen, meu orientador, coordenador do projeto ALMA-H, e meus colegas são muitos daqueles aos quais mostrei minha gratidão, na página dos agradecimentos.

Já nos primeiros meses de trabalho no Projeto ALMA-H, a partir de leituras e especialmente a partir de observações de campo e de gravações analisadas em laboratório, a variável lexical de <fósforo/Streichholz> chamou minha atenção, principalmente devido a) a sua grande variabilidade (na localidade de Panambi, por exemplo, são conhecidas pelos entrevistados do projeto 10 variantes, como *Fixfeier*,² *Fosfeier*, *Fosfer*, *Feierzeich*, *Streichholz*, entre outras); b) à diversidade de tipos envolvidos (regionalismos, hibridismos, neologismos, empréstimos integrados e não

¹O Projeto ALMA-H tem como objetivo elaborar o *Atlas Linguístico das Minorias Alemãs na Bacia do Prata-Hunsrückisch*. Atualmente, a rede de pontos conta com 41 localidades distribuídas pelo Sul do Brasil (PR, SC e RS), norte do Mato Grosso, parte da Argentina (Misiones) e do Paraguai. O Projeto está vinculado às Universidades UFRGS (Brasil) e Kiel (Alemanha), sendo coordenado pelos pesquisadores Cléo V. Altenhofen e Harald Thun, respectivamente. Tive a honra de participar como bolsista deste projeto por quase 4 anos.

² A notação das variantes e exemplos do hunsriqueano segue as regras de escrita do ESCRITHU, conforme Altenhofen et al. (2007).

integrados)³; c) a minha curiosidade na observância etimológica das variantes; e, por fim, d) a interessantes aspectos semânticos como o do uso da variante *Feuerzeug* com o significado de ‘fósforo’, sendo que em alemão padrão a variante tem a significação de ‘isqueiro’.

Essas observações suscitaram os seguintes questionamentos:

- i. Como se explica a grande variabilidade observada? As variantes relacionam-se apenas a um único referente? Quais dessas variantes são germanismos, provenientes de quais regiões da Alemanha? O que isso pode revelar sobre a coineização do hunsriqueano no Brasil, ou seja, sobre o nivelamento linguístico resultante do contato entre diferentes variedades do alemão, na direção de uma língua comum, para a intercomunicação?
- ii. Quais dessas variantes são resultantes de processos de ampliação lexical devido ao contato linguístico do hunsriqueano com o português e o espanhol?
- iii. O que usos diferenciados de variantes na rede de pontos de pesquisa do ALMA-H revelam sobre a história social do Hunsrückisch e das dinâmicas de contato, variação e mudança linguística?

A presente pesquisa representa a busca por respostas (no plural) aproximativas a essas questões. Seus objetivos, mais precisamente, são:

- a) descrever o uso variável das diferentes formas encontradas;
- b) verificar se há uma correlação entre usos variados com as localidades e áreas de difusão do hunsriqueano (dimensão diatópica e diatópico-cinética), considerando diferentes faixas etárias (dimensão diageracional) e níveis de escolaridade (dimensão diastrática, v. THUN, 1998);
- c) identificar a direção em que se desenvolve essa variedade minoritária, no sentido de uma maior ou menor dialetalidade ou standardização, ou ainda de uma maior ou menor influência de línguas de adstrato, sobretudo do português e do espanhol.

³ Definições e exemplos ver na seção 2.5.6 .

Para apresentarmos algumas das nossas aproximações de respostas, primeiramente no capítulo 1, observaremos alguns aspectos linguísticos, históricos e políticos básicos sobre o hunsriqueano na matriz de origem na Alemanha e no Brasil.

No capítulo 2, descreveremos alguns dos pressupostos teóricos básicos utilizados nesse trabalho sobre léxico, contatos linguísticos, variação e mudança linguística. Ainda no mesmo capítulo detalharei os procedimentos metodológicos realizados.

No capítulo 3, os dados serão analisados e interpretados a partir da perspectiva da metodologia pluridimensional.

Por fim, no capítulo 4, explicitaremos os resultados gerais desse trabalho. Argumentaremos que, do nosso ponto de vista, a variável aqui em estudo pode ser tomada como um bom parâmetro para compreendermos uma série de fenômenos resultantes do contato linguístico do hunsriqueano com o português e o espanhol, como por exemplo, os variados processos de ampliação e manutenção lexical e a difusão de variantes em território brasileiro, argentino e paraguaio (a partir das trajetórias migratórias desses grupos – v. ALTENHOFEN & THUN, [prelo]).

Capítulo 1

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

O presente trabalho, conforme já se expôs, trata da variação lexical da língua de imigração alemã Hunsrückisch em contato com o português e o espanhol na Bacia do Prata. Por Hunsrückisch (pt. hunsriqueano) entende-se, conforme Altenhofen (2004a), uma coine derivada historicamente do contínuo dialetal de base francônio-renana e francônio-moselana do alemão, à qual se agregam elementos de outras línguas em contato, sobretudo do português, presentes no caminho migratório das comunidades de falantes.

Contrariamente ao que Oliveira (2007) caracteriza como sociolinguística do monolinguismo no Brasil, ou seja, pesquisas sociolinguísticas que desconsideram “outras” variedades brasileiras que não a língua portuguesa, ou ainda, que não consideram o contato da língua portuguesa com variedades do próprio português ou “outras” variedades brasileiras, o que está em questão, neste trabalho, é uma variedade linguística em situação de contato com variedades do português, espanhol e variedades do alemão como língua de imigração. Em outras palavras, trata-se aqui de um estudo sociolinguístico e dialetológico com enfoque no plurilinguismo, na mesma esteira de vários trabalhos que vêm procurando visibilizar “outras” línguas brasileiras e os contatos linguísticos de um Brasil plurilíngue.

1.1 O Hunsrückisch na matriz de origem

Proveniente da região do Hunsrück e de áreas adjacentes no oeste da Alemanha, o Hunsrückisch, na matriz de origem, integrou o espaço dialetal do Hochdeutsch, no domínio do Westmitteledeutsch (‘alemão médio-ocidental’), onde incluiu diferentes

variedades faladas do chamado leque renano (como, por exemplo, no francônio-renano das/was e francônio-moselano dat/wat).

Mapa 01: Áreas dialetais da matriz de origem das variedades de imigração alemã.
Em destaque área do Westmitteldeutsch.



Fonte: Mapa 47.4, de Wiesinger (1983)

Do ponto de vista do eixo vertical – standard-substandard –, o Hunsrückisch situa-se em uma posição mais próxima do standard (Hochdeutsch), enquanto outras variedades que também emigraram para o Brasil, como o vestfaliano (cf. HORST, 2014) ou o menonita (DÜCK, 2011), se situam em estratos/camadas mais abaixo no contínuo. Essa relação é ilustrada pelo trabalho de Horst (mapa 005 <amarelo>) que analisa o vestfaliano em contato com o Hunsrückisch e o português no vale do Taquari:

em termos do grau de dialetalidade, o Hunsrückisch se assemelha mais ao Hochdeutsch: StDt. *gelb* vs. Hr. *gelleb* vs. Vesfaliano. *giäl, gjiel*.

É também de relevância para nosso trabalho frisar que o hunsriqueano entrou provavelmente já na Alemanha em contato com variedades de base românica, como atestam diversos empréstimos do francês no Hunsrückisch, como *chofeur* ‘motorista’, *retour* ‘retorno’, entre outros, o que sugere que certas variantes que poderiam ser caracterizadas aqui como empréstimos do português possam também ser variantes que já estivessem no patrimônio vocabular do grupo. Referências para observar-se isso são principalmente dicionários dialetais e mapas linguísticos que destacaremos a seguir para observarmos as variantes de <Fósforo/Streichholz>.

1.2 O Hunsrückisch como língua brasileira de imigração alemã

Conforme já se aludiu, o Hunsrückisch configura uma das diferentes variedades faladas como língua de imigração de base alemã no Brasil. Os primeiros imigrantes a falarem essa variedade aportaram na atual localidade de São Leopoldo em 1824, seguidos de outras levas que se estabeleceram no vale do Caí e Taquari. O espaço multilíngue local possibilitou o contato linguístico dessa com outras variedades de imigração de bases e graus dialetais diversos. O nivelamento linguístico e a necessidade de comunicação entre essas variedades condicionou localmente a formação da chamada coiné hunsriqueana (ALTENHOFEN, 2004a). Itens lexicais como o neologismo *Keesboom* (pto. *umbu*), ou a forma arcaica *Luftschiff* para designar o ‘avião’, se difundiram por quase toda a área de pesquisa abrangida pelo ALMA-H, comprovando esse nivelamento em torno de traços comuns. Isso explica, em parte, como variantes utilizadas nas colônias velhas (localidades mais antigas fundadas por imigrantes hunsriqueanos) do Rio Grande do Sul são encontradas em territorialidades mais distantes espacial e temporalmente, como no Paraguai e no Mato Grosso (v. mapa 2 da rede de pontos). Steffen & Altenhofen (2014) referem-se a essa rede de comunicação entre localidades como sendo um *arquipélago linguístico*, portanto mais aberto e abrangente do que o conceito de *ilha linguística*, tradicionalmente mais isolada.

Com a campanha de nacionalização do Estado Novo (1937-1945), as variedades linguísticas (especialmente aquelas provindas dos países do Eixo – Alemanha, Itália e Japão), dentre elas, portanto, o Hunsrückisch, passaram a ser duramente reprimidas.

Inspiradas principalmente na ideologia de “uma língua, uma nação” e na tentativa de dissipar o que ficou conhecido como perigo alemão (GERTZ, 1991), várias estratégias de silenciamento foram utilizadas como uma tentativa de sufocar a diversidade linguística e identitária dessas comunidades. Por essas ações, a política estadonovista pode ser apontada talvez como a principal responsável pela atual situação de contínuo desaparecimento do Hunsrückisch (assim como de outras variedades linguísticas brasileiras), bem como pelo desvínculo forçado das suas populações com a língua alemã-padrão e com o desligamento das mesmas com parte das suas histórias familiares e culturais. Em muitas comunidades hunsriqueanas, pelo menos até a política de repressão linguística do governo de Getúlio Vargas, vivia-se em situação diglósica. As pessoas faziam uso do alemão padrão, por exemplo, na escola e em outros espaços públicos, como sociedades de canto, etc. O Hunsrückisch, por sua vez, era mais usado especialmente no domínio familiar e entre amigos. Conforme Gertz (2004, p. 118-122), das 143 publicações na imprensa em língua alemã até 1941, sobraram somente três após a política estadonovista. Ou ainda, segundo Kreutz (1998), até 1930, quase a totalidade dos imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul possuíam escolarização básica, geralmente em alemão, além de uma complexa rede de incentivos à manutenção da germanidade e das relações com os seus países de procedência.

Com o fim desse período repressivo e especialmente nas duas últimas décadas, pesquisas em torno de variedades de imigração alemã têm procurado documentar essas línguas, estudá-las em diferentes níveis e perspectivas linguísticas, bem como atuar em prol das suas revitalizações linguísticas e reconexões com a variedade padrão (ALTENHOFEN *et al.*, 2007; ALTENHOFEN, 2004a; ALTENHOFEN & OLIVEIRA, 2011; MORELLO & OLIVEIRA, 2007; OLIVEIRA, 2007). O Hunsrückisch, nesse panorama, é uma das variedades de imigração alemã no Brasil mais bem documentadas e estudadas, especialmente mais recentemente através das pesquisas linguísticas em torno do Projeto ALMA-H (*Atlas Linguístico Contatual e Relacional das Minorias Alemãs da Bacia do Prata-Hunsrückisch*). Nessa esteira de contribuições, este trabalho trata de um campo ainda pouco explorado na base de dados do Projeto ALMA-H que trata do léxico, através das observações de fenômenos resultantes do contato linguístico do Hunsrückisch com o português e o espanhol na Bacia do Prata.

A seguir, abordarei sucintamente os pressupostos teóricos e metodológicos básicos que fundamentam este estudo, considerando as limitações de uma monografia de conclusão de curso de Graduação.

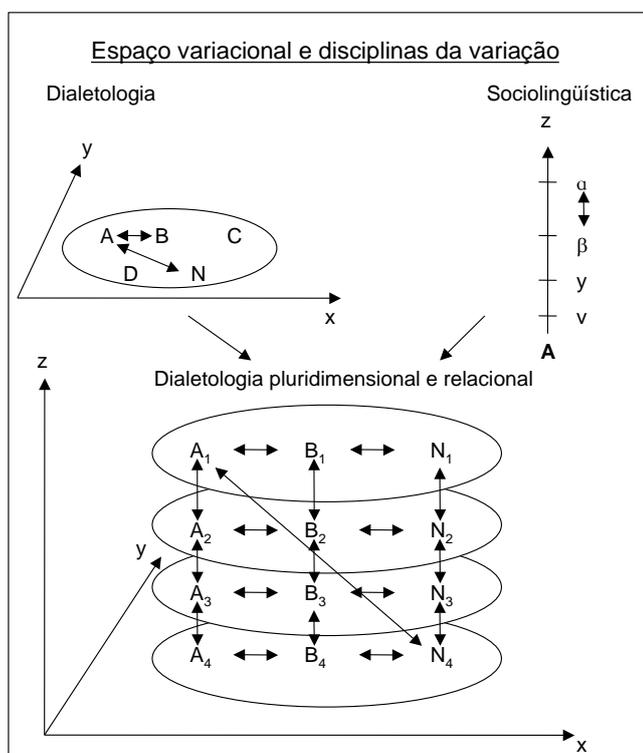
Capítulo 2

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2.1 Variação e mudança linguística sob o enfoque da dialetologia pluridimensional

O modelo central de observação dos contatos linguísticos, da história social, da variação e da mudança linguística, neste trabalho, orienta-se pelos pressupostos da dialetologia pluridimensional e relacional (Thun, 1998). De modo sucinto, pode-se dizer que a dialetologia pluridimensional investiga a variação linguística a partir da relação de diferentes pontos da dimensão espacial e diferentes dimensões sociolinguísticas, conforme podemos observar na figura 1.

Fig. 01: Modelo da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, na relação entre dialetologia tradicional e sociolinguística.



Fonte: Thun (1998, p. 705)

A junção dos recortes horizontal/geográfico (dialetologia tradicional) e vertical/sociológico (sociolinguística) compõe uma série de dimensões de análise da variação linguística, que podem ou não ser consideradas pelo pesquisador, conforme o seu foco de interesses. Nesse sentido, uma dimensão envolve mais de um parâmetro (como uma variável envolve mais de uma variante distinta). Entre as dimensões postuladas por Thun (2010a), estão as seguintes:

Quadro 01: Dimensões de análise da variação linguística.

	Dimension	Parameter
1.	dialingual	two or more languages, for instance Spanish and Portuguese
2.	diatopic	topostatic (informants with stable residence in localities which are points of the inquiry)
3.	diatopic-kinetic	difference between topostatic and topodynamic informants, the latter with recent change of residence
4.	diastratic	socio-cultural class , for instance lower and higher class
5.	diagerational	age groups, for instance elder generation (≥ 60 years) and younger generation (18 – 36 years)
6.	diasexual	woman – man
7.	diaphasic	style, for instance Reading, Response, Conversation
8.	diareferential	difference between object language, presented form and metalanguage

Fonte: Thun (2010a)

O modelo tem consagrado a prática de definir uma rede de pontos (dimensão diatópica) e, em cada ponto da pesquisa, realizar duas ou quatro entrevistas, envolvendo informantes velhos ou jovens (dimensão diageracional) com escolaridade maior ou menor (dimensão diastrática), como na cruz representada a seguir (Figura 2). Além disso, em cada entrevista ao menos duas pessoas participam, privilegiando-se um homem e uma mulher (dimensão diassexual). As demais dimensões são, em sua maioria, abarcadas por meio de dados de natureza diferente, por exemplo em situação de leitura, entrevista ou conversa livre (dimensão diafásica).

Fig. 02: Entrevistas realizadas em cada localidade, abrangendo as dimensões diageracional (GI e GII) e diastrática (Ca e Cb), caso do ALMA-H, ADDU e ALGR.

Ca GII	Ca GI
Cb GII	Cb GI

Fonte: Thun (2010a).

2.2 Pluricronologia: a mudança linguística na imagem de um “filme”

A dialetologia pluridimensional permite também observar a variação e a mudança linguística em diferentes usos da linguagem, que Thun (2010a) concebe como diferentes cronologias, desde a variação em uma interação em um mesmo evento de fala até situações distintas, em momentos distintos de um período de tempo maior. Thun (*Ibid*) identifica, em um primeiro plano, o nível da nanocronologia, em que os mesmos falantes alternam marcas da língua na mesma situação de fala, p.ex. uma entrevista. O plano seguinte, da microcronologia, engloba estilos de uso distintos, p.ex. o uso da língua em uma situação mais formal de leitura e mais informal de conversa livre. Na mesocronologia compara-se a fala, em tempo aparente, entre a geração mais velha e mais jovem (mudança em curso). Por fim, a macrocronologia, compara momentos sincrônicos distintos, no eixo da diacronomia, separados por um espaço de tempo mais considerável. Neste trabalho, focarei somente a mesocronologia equivalente ao conceito laboviano de tempo aparente, ou seja, a observância da variação linguística percebida na comparação das formas usadas em gerações diferentes.

2.3 Interação entre entrevistador e informante: técnica “em três tempos”

Os atlas linguísticos da chamada trilogia rio-platense (ADDU, ALGR e ALMA) de H. Thun, contêm dados obtidos pelo uso da técnica de entrevista em “três tempos”. O que vem a ser essa técnica? De modo geral, os atlas linguísticos mais tradicionais contentam-se com a **resposta espontânea**, ou a primeira resposta dada pelo informante no gênero de entrevista pergunta-resposta. Com isso, segundo Thun, deixa-se de captar não apenas o leque completo do repertório de variantes conhecidas na comunidade, como também a relação entre elas. Daí a sequência de três tempos: perguntar + insistir +

sugerir. Assim, após o registro de todas as respostas espontâneas para uma dada variável em foco, o entrevistador sugere variantes não citadas pelo entrevistado, possibilitando observar seu **conhecimento passivo** (ou seja, formas não citadas espontaneamente pelo entrevistado mas que ele conhece) ou seu **desconhecimento**. As insistências e sugestões permitem observar com mais detalhamento as variantes conhecidas pelo grupo entrevistado, aproximando-se da totalidade de variantes do espectro variacional.

2.4 Papel dos contatos linguísticos no léxico

A situação linguística com a qual me ocupo neste estudo é caracterizada pela presença de contatos entre línguas. As localidades pesquisadas são multilíngues em Hunsrückisch, português e, muitas vezes, outras variedades autóctones ou alóctones, como no caso de Paso Tuyá (Moseldorf) e Loma Plata, no Paraguai, onde os pesquisadores do ALMA-H encontraram falantes hexalíngues – que, além de português e Hunsrückisch, falam guarani, espanhol, Hochdeutsch e menonita. Riehl (2009, p. 11) define línguas em contato como a “influência recíproca de duas ou mais línguas”, aspectos que podem ser estudados tanto a partir do indivíduo (perspectiva psicolinguística) quanto a partir da comunidade (perspectiva sociolinguística). Embora possamos acompanhar interinfluências em ambas as direções também no caso do hunsriqueano com o português/espanhol, o presente estudo focaliza as influências do português e espanhol no hunsriqueano no campo do léxico, para a variável <Fósforo/Streichholz>. Sendo assim, tem foco diferente de estudos como de Alberti (2005), por exemplo, que pesquisa a criação de neologismos na língua portuguesa em decorrência do contato da mesma com a fala dialetal em uma comunidade italiana.

Conforme Biderman (2001a) e Alberti (2005), considero o léxico de uma língua natural como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história, uma herança de signos (lexicais) e de categorias de geração de novas palavras herdadas. Como sistema aberto, o léxico encontra-se permanentemente em reelaboração, sensível a mudanças sociais, políticas e tecnológicas. Segundo Biderman (2001b, p.179):

[...] o léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam mudanças nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. (BIDERMAN, 2001b, p.179)

No caso específico da variável lexical analisada neste trabalho, a tecnologia “fósforo” não era provavelmente conhecida pelos falantes de Hunsrückisch da primeira leva que aportaram no Brasil em 1824, pois somente foi introduzida comercialmente em 1833 por Jacob Friedrich Kammerer, em Ludwigsburg, na Alemanha. Contudo, usavam-se naturalmente outras tecnologias para se fazer fogo com denominações próprias. Acredito que a partir de meados do século XIX, além das novas levas imigratórias que vieram para o Brasil já virem com o conhecimento da tecnologia do fósforo (e das suas denominações) e entrarem em contato com os imigrantes mais antigos, tenha acontecido prováveis mudanças semânticas e contiguidade de significados em palavras anteriormente utilizadas pelos primeiros imigrantes para outras tecnologias de se fazer fogo, dentre elas o fósforo, aspecto ao qual retornaremos nas seções seguintes.

Por fim, vale destacar que a dialetologia pluridimensional, modelo usado neste trabalho, não somente investiga uma variedade isolada, o dialeto-base ou a variedade standard, mas também e principalmente “documenta as consequências do contato linguístico no espaço” (THUN, 2010a, p. 507). Essa possibilidade será analisada através da dimensão dialingual, conforme o quadro 1, que estuda os usos das diferentes variedades ou línguas consideradas.

2.5 Metodologia

Para a realização dessa pesquisa, como mencionado anteriormente, fiz uso do *corpus* do Projeto ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*), coordenado por Harald Thun (Universidade de Kiel, Alemanha) e Cléo V. Altenhofen (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). O *corpus* foi constituído de acordo com os princípios da dialetologia pluridimensional descritos anteriormente. A seguir, descreverei alguns dos aspectos centrais do *corpus* do Projeto ALMA-H, tendo em vista a pesquisa aqui realizada.

2.5.1 Dimensões de análise selecionadas

Como se colocou anteriormente, a descrição da variação linguística do Hunsrückisch, o ALMA-H considera diferentes dimensões de análise. Estas são inclusive ampliadas (cf. quadro 1), acrescentando, por exemplo, as dimensões diarreligiosa e diamésica:

Quadro 2: Dimensões de análise consideradas pelo ALMA-H

Dimensão	Parâmetro	Critério
diatópica	topostático (informantes em um domicílio fixo)	41 pontos de inquérito
diatópica-cinética	topodinâmico (mudança de domicílio – mobilidade espacial)	Em grande parte, relação entre colônias velhas (matriz de partida) e colônias novas (matriz de chegada)
diastrática	Ca = classe (socioculturalmente) alta Cb = classe (socioculturalmente) baixa	Ca (com formação universitária parcial ou completa) Cb (até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita)
diageracional	GII (geração velha) GI (geração jovem)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
diassexual	Ho = homens Mu = mulheres	
dialingual	hrs = hunsriqueano (Hunsrückisch) hdt = alemão-padrão (Hochdeutsch) pt = português sp = espanhol	Esta dimensão é complementada com dados dos atlas linguísticos do português (ALERS e ALiB), para o português
diafásica	Resp = respostas ao questionário Leit = leitura Tx = conversa livre (etnotextos)	Três estilos de uso da língua.
diarreferencial	Lg = fala “objetiva” MLg = fala metalinguística	Esta dimensão é estimulada pela <i>técnica de entrevista em três tempos</i> : perguntar (resposta espontânea) – insistir – sugerir
diarreligiosa	Cat = católico Lut = evangélico-luterano	Tipo de localidade conforme as confissões religiosas presentes
diamésica	Esqr = língua em meio escrito vs. Fal = meio falado	coleta de dados em áudio e vídeo (oralidade) e em meio escrito (p.ex. impressos, cartas de imigrantes, inscrições [p.ex. em estabelecimentos comerciais, placas, topônimos, sepulturas])

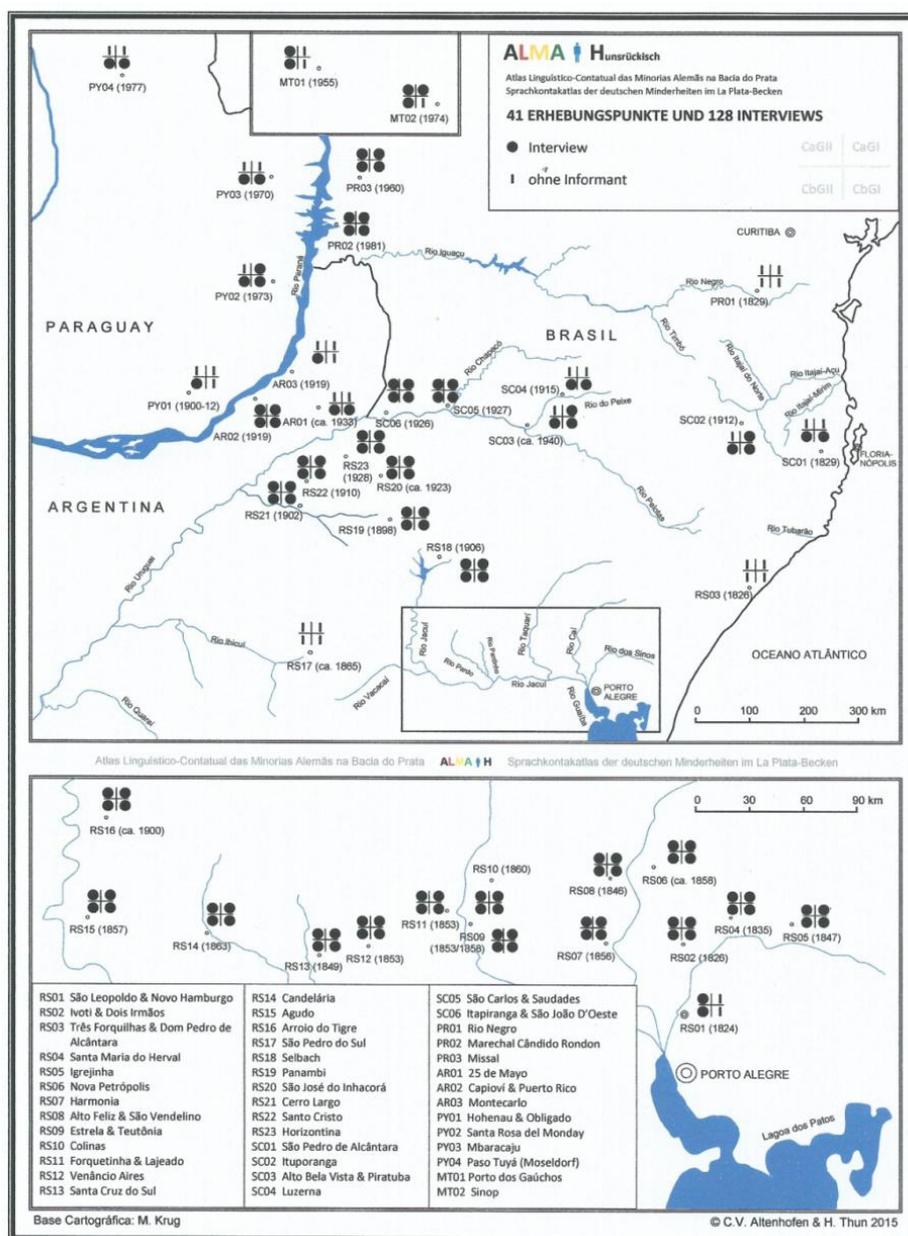
Fonte: Altenhofen & Thun (2016, no prelo)

Neste trabalho, serão focalizadas as dimensões diatópica-cinética, diastrática, diageracional e dialingual.

2.5.2 Rede de pontos e caracterização de arealidades do hunsriqueano

O projeto ALMA-H conta com um total de 41 localidades investigadas, onde os informantes selecionados são, no mínimo, bilíngues em Hunsrückisch e português. Três dessas localidades não apresentam mais falantes de Hunsrückisch que atendam ao perfil exigido (v. Fig. 4), a saber, RS03 - Três Forquilhas, RS17 - Dom Pedro de Alcântara e PR01 - Rio Negro. Temos, portanto, 38 localidades com informantes, conforme destaca o mapa abaixo .

Mapa 02: Rede de pontos do Projeto ALMA-H com indicação do ano de fundação das localidades e das 128 entrevistas concluídas.



Fonte: Altenhofen (2016, p. 110).

Algumas das localidades investigadas não apresentam todos os perfis sociolinguísticos requeridos:

Quadro 03: Perfis sociolinguísticos não disponíveis em algumas localidades.

<i>Localidade</i>	<i>Perfil sociolinguístico não disponível</i>
RS01	CaGI; CbGI
SC01	CaGI; CaGII
SC02	CaGI
SC03	CaGII
SC04	CaGI; CaGII
AR01	CaGI; CaGII
AR03	CaGI; CaGII; CbGI
PY01	CaGI; CaGII; CbGI
PY02	CaGII
PY03	CaGI; CaGII
PY04	CaGI, CaGII
MT01	CaGI; CbGI
MT02	CbGI

Fonte: Autoria própria

Assim, temos um total de 128 entrevistas consideradas neste trabalho, sendo 38 no perfil sociolinguístico CbGII, 33 no CbGI, 29 no CaGII e 28 no CaGI.

A partir do mapa-base da rede de pontos do ALMA-H, identificam-se macroáreas que serão fundamentais na análise e interpretação dos dados da variável lexical aqui estudada. Pertencem a essas subáreas, segundo Altenhofen (2016, no prelo):

- a) colônias velhas vs. colônias novas;
- b) nas colônias velhas, subárea do tipo *deutsch* ([+dialetal], imigração anterior a 1850) vs. subárea do tipo *deutsch* ([+standard], imigração posterior a 1850);
- c) hunsriqueano rio-grandense vs. hunsriqueano leste-catarinense;
- d) subárea lusófona vs. subárea hispanófona;
- e) localidades com predomínio da confissão religiosa católica vs. católica e luterana vs. luterana;

- f) localidades de origem predominantemente francônio-moselana vs. francônio-renana.

Como essas subáreas repercutem nos resultados deste estudo, veremos no cap. 3, da análise e interpretação dos dados. Por ora, é relevante descrever ainda os instrumentos de coleta dos dados utilizados pelo ALMA-H, em especial a pergunta que serve de base para a análise da variável <fósforo/*Streichholz*>.

2.5.3 Variável linguística selecionada

O questionário utilizado pelo projeto ALMA-H para o levantamento de dados linguísticos, iconográficos e etnográficos divide-se nas seguintes partes:

Quadro 04: Partes do questionário utilizado pelo projeto ALMA-H para as entrevistas

A. Identificação sociológico-linguística dos informantes (37 perguntas)
B. Pequena descrição da localidade (4 perguntas)
C. Parte linguística (401 perguntas)
Clex - Léxico (246 perguntas, ordenadas em categorias)
Cfon - Fonologia (93 perguntas - técnica de entrevista: apresentação em português, resposta equivalente à tradução para o Hunsrückisch)
CgramI - Gramática I (frases de Wenker, 42 perguntas - técnica de entrevista: tradução do alemão-padrão para o Hunsrückisch)
CgramII - Gramática II (morfossintaxe, 17 perguntas complementares às frases de Wenker - técnica de entrevista: tradução do português para o Hunsrückisch)
Cgram III - Gramática III (competência linguística no alemão-padrão, 11 perguntas - técnica de entrevista: tradução do português para o alemão-padrão)
D. Leituras em alemão-padrão e português da parábola "O Filho Pródigo"
E. <i>Corpus</i> de etnotextos
F. <i>Corpus</i> de material iconográfico

Fonte: Questionário do projeto ALMA-H

Para a presente pesquisa, foi selecionada a pergunta 62 da parte Clex04, referente ao léxico da habitação. O entrevistador procede no gênero pergunta-resposta questionando ao entrevistado qual é o objeto com que se ascende fogo, fazendo o movimento com a mão como quem tivesse riscando algo. No questionário do ALMA-H, conforme a Figura 4, aparecem variantes que caso não aparecem na resposta espontânea do entrevistado, também serão sugeridas, para observarmos se a variante é conhecida ou desconhecida pelo falante (conforme explicado na seção 2.3). São feitas ainda referências a outros atlas, onde essa variável é perguntada e onde há mapas linguísticos (Kt. = *Karte*). Como se vê abaixo, esta variável suscita grande interesse, e sua consideração em outros estudos, de períodos e áreas diferentes, permite comparações variadas, que serão de grande importância neste trabalho.

Fig.04: Pergunta 062 do Questionário do ALMA-H, referente à variável <fósforo/*Streichholz*>

062	<p><i>Streichholz</i> / fósforo (cp. ADDU, 151; ALERS, QSL 574, Kt. 338; ALiB, QFF 015; DWA, Bd. 3, S. 29; Eichhoff, 1978, Bd. 2, Kt. 75)</p> <p>a) Fixfeier, b) Fosfeier, c) Fosfer, d) Fosfo, e) Feierzeich (?)</p> <p>HD: <i>Streichholz</i></p> <p>P: <i>fósforo</i></p> <p>E: <i>cerilla</i></p>
------------	--

Fonte: Questionário do ALMA-H

2.5.4 Transcrição, cartografia e notação utilizada nos mapas

Para a cartografia dos dados, que fundamenta a macroanálise da variação linguística em questão, foi necessário, inicialmente, transcrever todas as respostas dadas à pergunta Clex04_062, nas 128 entrevistas feitas nas 38 localidades do ALMA-H. Devido à grande quantidade de dados gerados pela pluridimensionalidade do fenômeno, utilizou-se a análise em série dos dados para observar os fenômenos linguísticos com maior clareza e profundidade, conforme Thun (1998, p. 706). Posto isso, realizamos a cartografia das seis variantes mais frequentes de <Fósforo/*Streichholz*> em mapas fenotípicos, ou seja, mapas que salientam somente onde e em que grupo sociolinguístico se conhece ou não conhece a variante.

Como também podemos observar em parte na legenda dos mapas, a cartografia linguística das variantes em estudo baseou-se em um padrão de cartografia já utilizado nos demais atlas que seguem o modelo de Thun: ALMA-H, ADDU e ALGR (v. THUN, 2010). Em resumo, são estas as marcas comuns a esses mapas: a) uso da cruz, para representar os quatro grupos entrevistados (CaGII, CbGII, CaGI, CbGI); b) uso do símbolo em círculo com graus de preenchimento; c) consideração, na legenda, de graus de conhecimento/uso ativo e passivo das variantes, isto é, quando os entrevistados respondem imediatamente após o questionamento do entrevistador, quando o entrevistador solicita que os entrevistados procurem se recordar de outras variantes que eles conheçam para <Fósforo/Streichholz> (insistência), ou quando os entrevistados aceitam ou não uma sugestão como sendo conhecida. O símbolo “círculo meio preenchido” representa que a sugestão de outras variantes feita pelo entrevistador foi identificada como conhecida pelo falante.—O símbolo “círculo vazio” ou “círculo somente com contorno” indica que a variante sugerida pelo entrevistador não é conhecida pelo falante. Por fim, resta esclarecer que a localidade que não é preenchida no mapa com símbolo algum pode: a) não ter entrevistas; b) não ter informantes; ou c) não ter dados válidos (seja por ausência ou incompletude da entrevista ou não ter sido feita sugestão de certa variante).

2.5.5 Estatística dos dados

Foi calculada sequencialmente a frequência relativa das respostas espontâneas das 6 variantes mais frequentes, ou seja, o número de ocorrências de cada variante na sua resposta espontânea pelo número total de entrevistas (128).

$$\text{Fr} = \frac{\text{n. de ocorrências na resposta espontânea}}{128}$$

Posteriormente, foi calculada a frequência relativa do grupo também para as 6 variantes mais frequentes, ou seja, o número de ocorrências de cada uma dessas

variantes pelo número total de entrevistas realizadas em diferentes grupos, sendo o número total de entrevistas por grupo: CbGII, 38; CbGI, 33; CaGII, 29; e CaGI, 28.

A partir da frequência relativa dos grupos sociolinguísticos analisados, foi aplicado um teste de hipóteses de comparação de duas proporções, com o objetivo de inferir se as diferenças de usos observados na amostra era significativa para a população. Assim, determinou-se com um maior rigor estatístico, por exemplo, se é possível observar mudança em tempo aparente ou se o uso de variantes da classe menos escolarizada é significativamente maior que da classe mais escolarizada.

2.5.6 Tipologização das variantes lexicais

Considerando o objetivo de identificar o comportamento variável do hunsriqueano no espaço pluridimensional a partir das influências variadas da língua portuguesa e espanhola, classificando as variantes lexicais observadas em tipos a partir de uma definição própria que considera para tanto os trabalhos de Betz (1949) e Haugen (1956) principalmente.

- 1) Germanismos - Formas já vindas da Alemanha e proximidades, incluindo a) regionalismos (ex. *Fixfeuer* ‘fósforo’ e b) formas-padrão (*Streichholz* ‘fósforo’);
- 2) Híbridismos - O caso desse estudo, formas com radical da língua portuguesa ou espanhola e elementos de base alemã, como *Fosfeuer* ‘fósforo’, onde hipotetiza-se que “Fos” seja forma do português e “Feuer” de base alemã;
- 3) Neologismos - Criações lexicais que considerem somente elementos de base alemã, como *Käseboom* ‘umbu’, no Hunsrückisch;
- 4) Empréstimos integrados - Empréstimos do português ou do espanhol não adaptados ao sistema fonético do Hunsrückisch, como *Fosfer* ‘fósforo’;
- 5) Empréstimos não integrados - Empréstimos do português ou do espanhol não adaptados ao sistema fonético do Hunsrückisch, como *Fósfo/Fofa* ‘fósforo’.

Essa divisão teve a intenção de observar formas, como já faziam outros estudos anteriores, como Fausel (1954), por exemplo, identificando as variantes resultantes de uma possível ampliação lexical motivada pelo contato linguístico ou a manutenção de germanismos mesmo quase 200 anos depois da chegada dos primeiros imigrantes. Para

determinarmos os tipos citados anteriormente foi necessária uma pesquisa em dicionários e atlas da língua alemã, bem como da língua portuguesa e espanhola, e em glossários do contato linguístico estudado. Foram utilizados mapas do DWA (*Deutscher Wortatlas*), que conta com dados de meados do século XIX, ou seja, da época de maior contingente migratório de alemães para o Brasil. Somam-se às fontes de consulta mais precisamente os dicionários *Rheinisches Wörterbuch*, *Grimmsches Wörterbuch*, Dicionário Houaiss e os atlas linguísticos ALERS (Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul) e ALGR (Atlas Linguístico Guarani- Românico).

Capítulo 3

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo, vamos analisar e interpretar as variantes lexicais referentes à pergunta Clex_062, especialmente no tange as tabelas de frequências e os mapas linguísticos produzidos. Mais precisamente, nossa atenção recai aqui, como expomos nos objetivos deste trabalho, na análise e interpretação da distribuição, arealização e predomínio das variantes observadas, nas diferentes subáreas (dimensão diatópica), grupos etários (dimensão diageracional) e sócio-culturais (dimensão diastrática), bem como na direção em que se desenvolve o hunsriqueano a partir do estudo da variável considerada. Iniciemos com a identificação das variantes de <Fósforo/Streichholz> e as suas respectivas frequências relativas de uso.

3.1 Repertório de variantes observadas: identificação e tipologização

A partir da transliteração dos dados das 128 entrevistas realizadas em 38 localidades, registramos um total de 15 variantes lexicais para <Fósforo/Streichholz>. Essas variantes foram agrupadas no quadro abaixo (Quadro 5) com a finalidade de identificar variantes de base alemã e variantes resultantes do contato linguístico, o que percebemos como útil para compreendermos tendências e fenômenos relacionados ao contato linguístico.

Quadro 05: Tipologia das variantes lexicais de <Fósforo/Streichholz>. Os pontos de interrogação indicam dúvida em relação a classificação da variante.

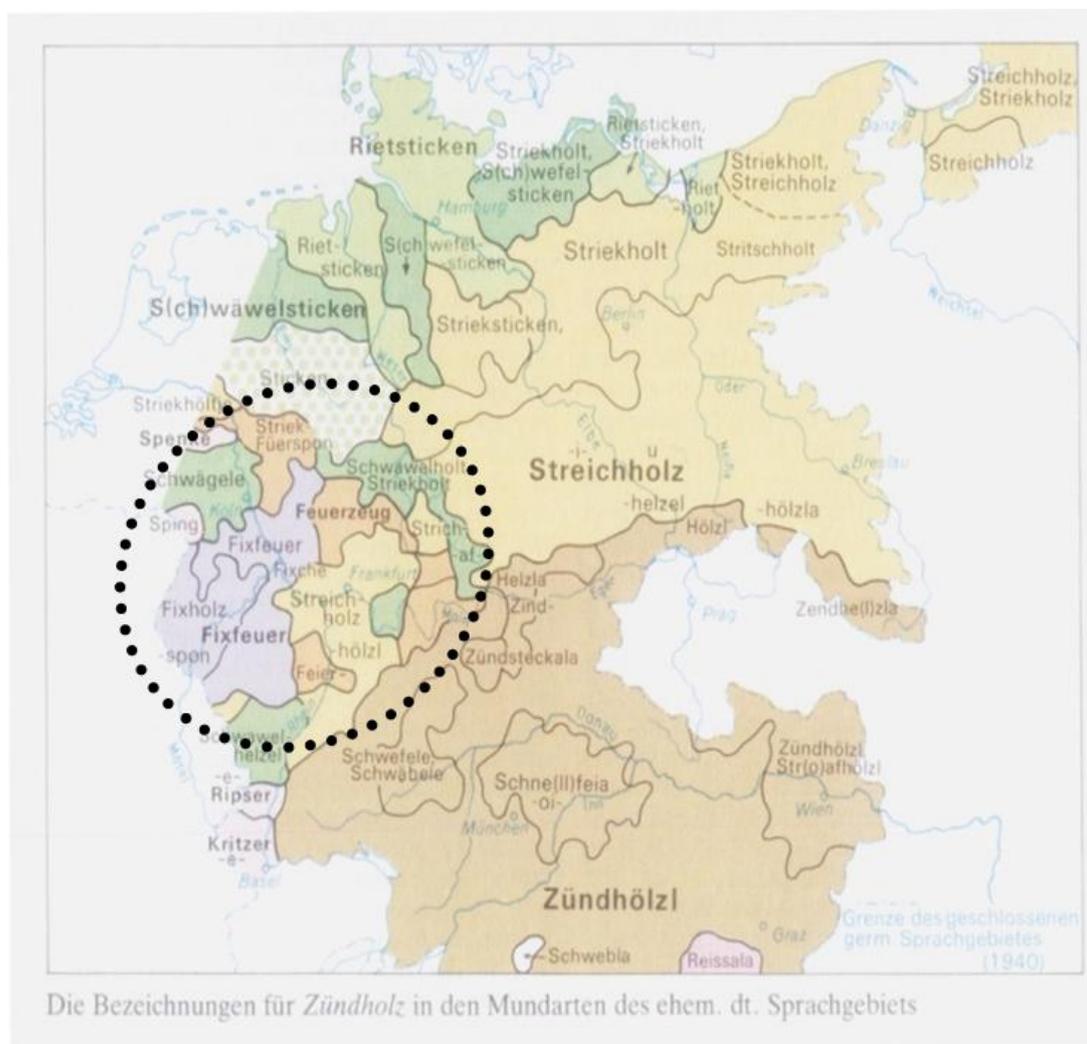
<FÓSFORO/STREICHHOLZ>				
VARIANTES DE BASE ALEMÃ	HIBRIDISMOS (?)	EMPRÉSTIMOS INTEGRADOS	EMPRÉSTIMOS NÃO INTEGRADOS	NEOLOGISMO
<i>Streichholz/ Streichhelzche</i>	<i>Fosfeier? Fosfeuer?</i>	<i>Fosfer</i>	<i>Fósforo Fósfro Fosfo Fósfo Fóffa? Fóffe Fóffo</i>	?
<i>Fixfeuer/ Fixfeier</i>	<i>Fosferstreich?</i>		<i>Getúlio</i>	
<i>Feuerzeug/ Feierzeich</i>	<i>Fosferhelzche?</i>			
<i>Feierspehnche</i>	<i>Foferspohn?</i>			
<i>Holzziinde</i> (RS13_CaGII)				
<i>Schnellfeuer</i> (RS13 CbGII)				
<i>Spohn</i> RS14_CbGI				
<i>Feuerhelzche</i>				

Fonte: ALMA-H

Podemos observar no quadro acima uma predominância de variantes de base alemã, seguidas de possíveis hibridismos e variantes regionais do português, integradas ou não ao sistema fonético do Hunsrückisch. As variantes de matriz alemã foram determinadas, conforme se observou na metodologia, a partir de mapas linguísticos e

predominantes para <Streichholz>. Novamente, delimitamos com um círculo tracejado a matriz de origem do hunsriqueano e suas proximidades.

Mapa 04: Mapa das variantes de Streichholz (Fósforo) da matriz germânica, com destaque às variantes mais frequentes da região do Hunsrück.



Fonte: König (1985)

A partir dos dados linguísticos consultados da matriz de origem, na Alemanha, especialmente através dos mapas anteriores e dos dicionários *Grimmishes Wörterbuch* e *Rheinisches Wörterbuch* determinamos os germanismos do quadro 5. Como se pode observar no mesmo existe uma presença densa de variantes da matriz de origem para a variável <Fósforo/Streichholz>. Esse polimorfismo de variantes lexicais relaciona-se diretamente com o polimorfismo de variantes da própria matriz de origem, como podemos observar nos Mapas 3 e 4. De modo que entendemos que a grande

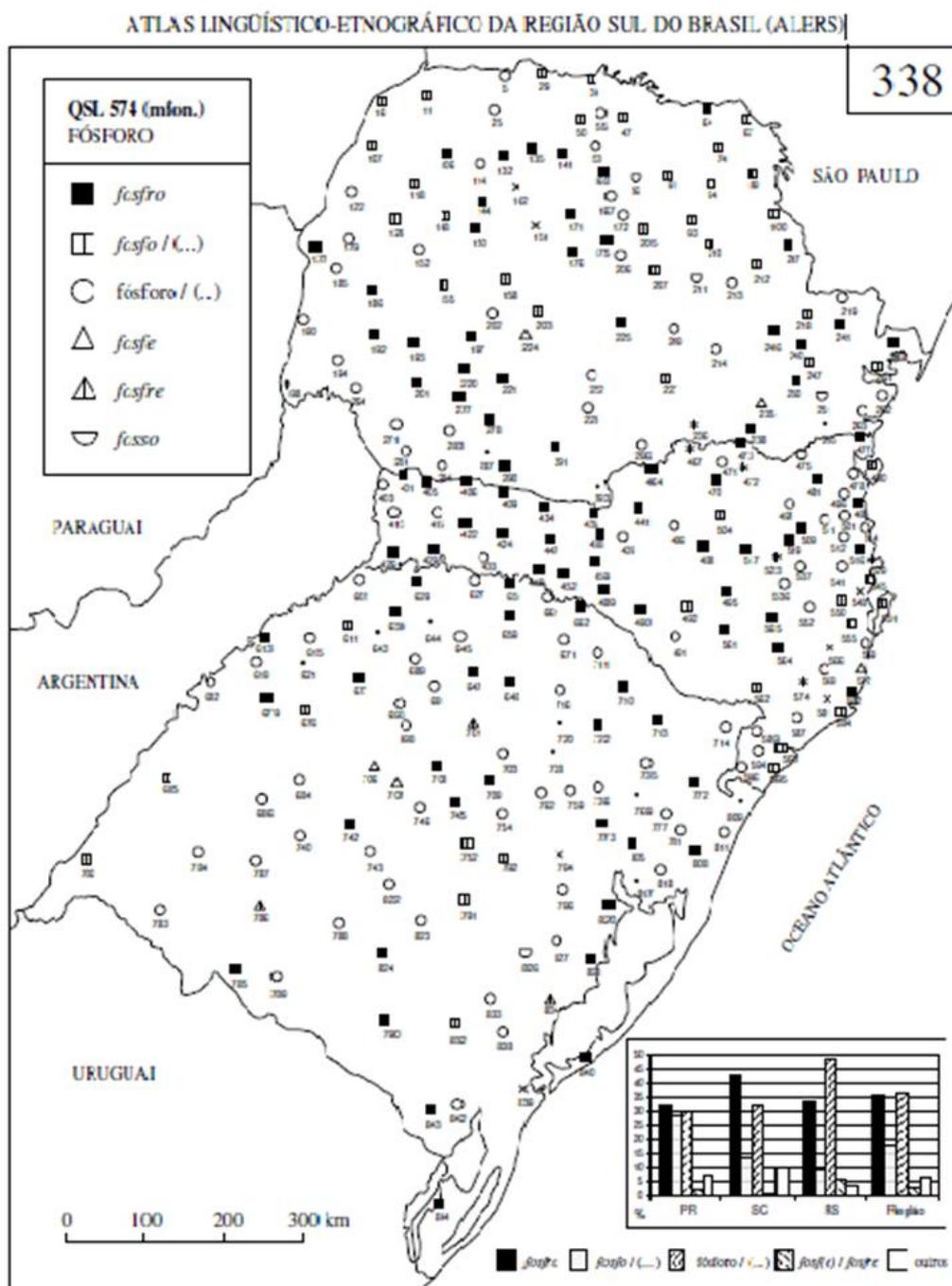
variabilidade lexical observada nos nossos dados ancora-se firmemente na variabilidade das variedades da região renana e moselana, na Alemanha. Possíveis explicações para isso são as características de uso da língua, em um domínio mais familiar, o relativo isolamento de algumas comunidades e o forte teor identitário da variedade hunsriqueana. Para além disso, outro fator bastante relevante são as possíveis especializações de sentido que essas variantes foram assumindo com o desenvolvimento de outras tecnologias para se fazer fogo, seja ainda na Alemanha ou posteriormente na Bacia do Prata. Um exemplo bastante interessante desse ponto é a variante *Feuerzeug*. Essa variante, que podemos observar nos mapas 3 e 4, já teve sua acepção relacionada a ‘fósforo’. Contudo, com o surgimento de outras tecnologias para se fazer fogo, em especial o ‘isqueiro’, o termo *Feuerzeug* (literalmente, ‘coisa para fazer fogo’) passou a ser reservado, em alemão-padrão, somente para ‘isqueiro’, o que produziu paulatinamente um desaparecimento da acepção de fósforo para *Feuerzeug*. Contudo, no Brasil, mesmo quase 200 anos depois da chegada dos primeiros imigrantes alemães, essa acepção se manteve em algumas localidades, fato que gerou em algumas entrevistas espanto e desconfiança nos entrevistadores, conforme os dados que analisamos. Outro exemplo de acepções diferenciadas para determinada variante foi observado no grupo SC03_CaGI. Nessa entrevista, em um comentário, o entrevistado afirma que utiliza *Fosfer* para designar ‘palitos de fósforo’ e *Fosfeuer* para se referir à ‘caixinha como conjunto de palitos de fósforo’.

A classificação de variantes nos tipos do Quadro 5 não foi feita isenta de dúvidas. Quanto aos hibridismos, não é possível determinar com total certeza em muitos casos, a partir das fontes consultadas, se se trata de hibridismo ou de variantes alemãs. Por exemplo, um amigo, pesquisador de línguas na Baviera, Alemanha, relatou que sua avó usa a forma *Fosfeier*, que é muito frequente nos nossos dados do ALMA-H. Contudo, não identificamos essa forma nos dicionários dialetais e nos mapas consultados. Existem também dúvidas se a raiz de algumas das palavras apresentadas no Quadro 5 é proveniente da língua portuguesa ou não, como já aludimos anteriormente nos pressupostos teóricos. O principal caso, o latinismo *Phosper*, provavelmente já circulava na região do Hunsrück antes da chegada dos primeiros imigrantes no Brasil, mas muito provavelmente não no vernáculo dos falantes. Como se observa nos mapas acima e no dicionário dialetal *Rheinisches Wörterbuch*, que apresenta o léxico da

grande região onde está o Hunsrück, não existem variantes lexicais para <Fósforo/Streichholz> construídas a partir da raiz *Phosper*.

Para a determinação de empréstimos integrados e não integrados nos utilizamos dos registros do ALERS e de dicionários locais. No mapa abaixo, é possível observar as variantes para <fósforo> e seus usos na região sul do Brasil.

Mapa 05: Mapa das variantes de Fósforo utilizadas na região sul do Brasil



Fonte: ALERS (2002)

Observa-se no mapa 338 do ALERS um número considerável de variantes oriundas da redução de *fósforo*, a partir de diferentes processos fonéticos. No Quadro 5, optamos por colocar a variante *Fosfer* na coluna de empréstimos integrados por entendermos que pode ser uma incorporação do sufixo *-er* do hunsriqueano, como em *Leser* ‘aquele que lê, leitor’. Os empréstimos não integrados foram assim classificados por não apresentarem pistas mais evidentes de uma integração fonética ao hunsriqueano, como é o caso de *Fosfo* e *Foffa*. Contudo, vale ressaltar que essa categorização é apenas aproximada, pois as variedades de imigração também deram a sua contribuição dessas variantes no português.

3.2 Frequência de uso das variantes lexicais

A seguir, após a apresentação das variantes para <Fósforo/Streichholz> e sua classificação em tipos, nos ocupamos nessa seção em verificar quais das variantes observadas foram as mais frequentes, na amostra coletada. Calculando-se *as respostas espontâneas* de uma dada variante pelo número total de entrevistas (128), chegamos à seguinte hierarquia percentual das 6 variantes mais frequentes:

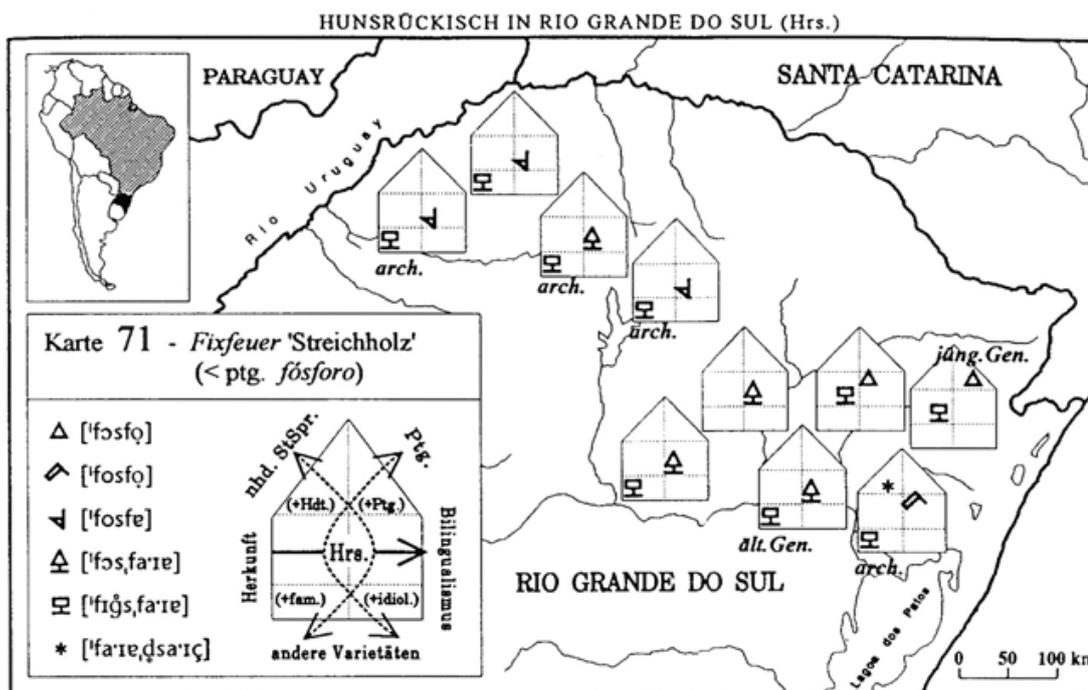
Quadro 06: Frequência relativa das variantes analisadas

Variante	Frequência relativa
Fixfeuer	62.0 %
Fosfer	57.4 %
Fosfeuer	38.8 %
Fósforo	15.4 %
Streichholz	12.4 %
Feierzeich	6.2 %

Fonte: ALMA-H

Como podemos observar no quadro acima, a variante mais frequente é o germanismo ‘Fixfeuer’, seguido do empréstimo integrado ‘Fosfer’ e do possível hibridismo ‘Fosfeuer’. O empréstimo não integrado ‘Fósforo’, a variante padrão “Streichholz” e a variante “Feierzeich” vêm logo após. É importante destacar que essa hierarquia de frequências considerou somente variantes lexicais. É importante frisar que o uso de outras variantes que não daquelas destacadas no Quadro 6 apresenta uma frequência bastante pequena. No mapa abaixo, podemos observar algumas das principais variantes para <Fósforo/Streichholz> observadas no estudo de Altenhofen (1996):

Mapa 06: variantes de <Streichholz/Fósforo> utilizadas em Hrs. no Rio Grande do Sul de acordo com Altenhofen (1996).



Fonte: Altenhofen (1996, mapa 71)

3.3 Análise pluridimensional

Nesta seção focalizaremos a distribuição das variantes evidenciadas anteriormente no espaço e nos quatro grupos sociolinguísticos contemplados neste estudo. Ao observarmos usos ativos, conhecimento ou o não conhecimento das variantes, para além

de verificarmos a presença ou ausência de variantes, verificamos a vitalidade ou a tendência de uso ou desuso, conforme Thun (1998, p. 703), de germanismos presentes no Brasil há quase 200 anos e variantes resultantes do contato linguístico estabelecido nessas localidades. Para tanto, consideramos, como vimos anteriormente, as subáreas na macroárea do ALMA-H identificadas por Atenhofen (prelo) que são relevantes para a análise pluridimensional da variação em questão. A correlação dessas subáreas (sobretudo colônias velhas e colônias novas) com as variantes lexicais registradas, no eixo diatópico, sinaliza macrotendências da variação e mudança linguística do hunsriqueano, entre fases de imigração e um maior ou menor uso de regionalismos ou da variante padrão da matriz alemã, ou variantes resultantes do contato linguístico.

Apresentamos abaixo inicialmente a frequência de uso nos 4 grupos sociolinguísticos entrevistados das variantes mais frequentes observadas na seção anterior. Calculamos, portanto, o número de ocorrências espontâneas de uma dada variante pelo total de entrevistas realizadas em um determinado grupo. A partir desses resultados obtivemos a seguinte relação percentual:

Quadro 07: Variantes com frequência relativa por grupo entrevistado.

(*) Em cinza escuro, destacamos o grupo com maior porcentagem na respectiva variante, em cinza claro a segunda porcentagem mais alta.

VARIANTES	CaGII	CaGI	CbGII	CbGI
<i>Fixfeuer</i>	63.3%	50.0%	78.9%	51.5%
<i>Fosfer</i>	46.6%	64.3%	68.4%	48,4%
<i>Fosfeuer</i>	40.0%	39.3%	37.5%	39.4%
<i>Fósforo</i>	13.3%	28.6%	10.5%	21.2%
<i>Streichholz</i>	10.0%	7.0%	21.0%	9.1%
<i>Feuerzeug</i>	6,7%	3.6%	7.9%	6.1%

Fonte: ALMA-H.

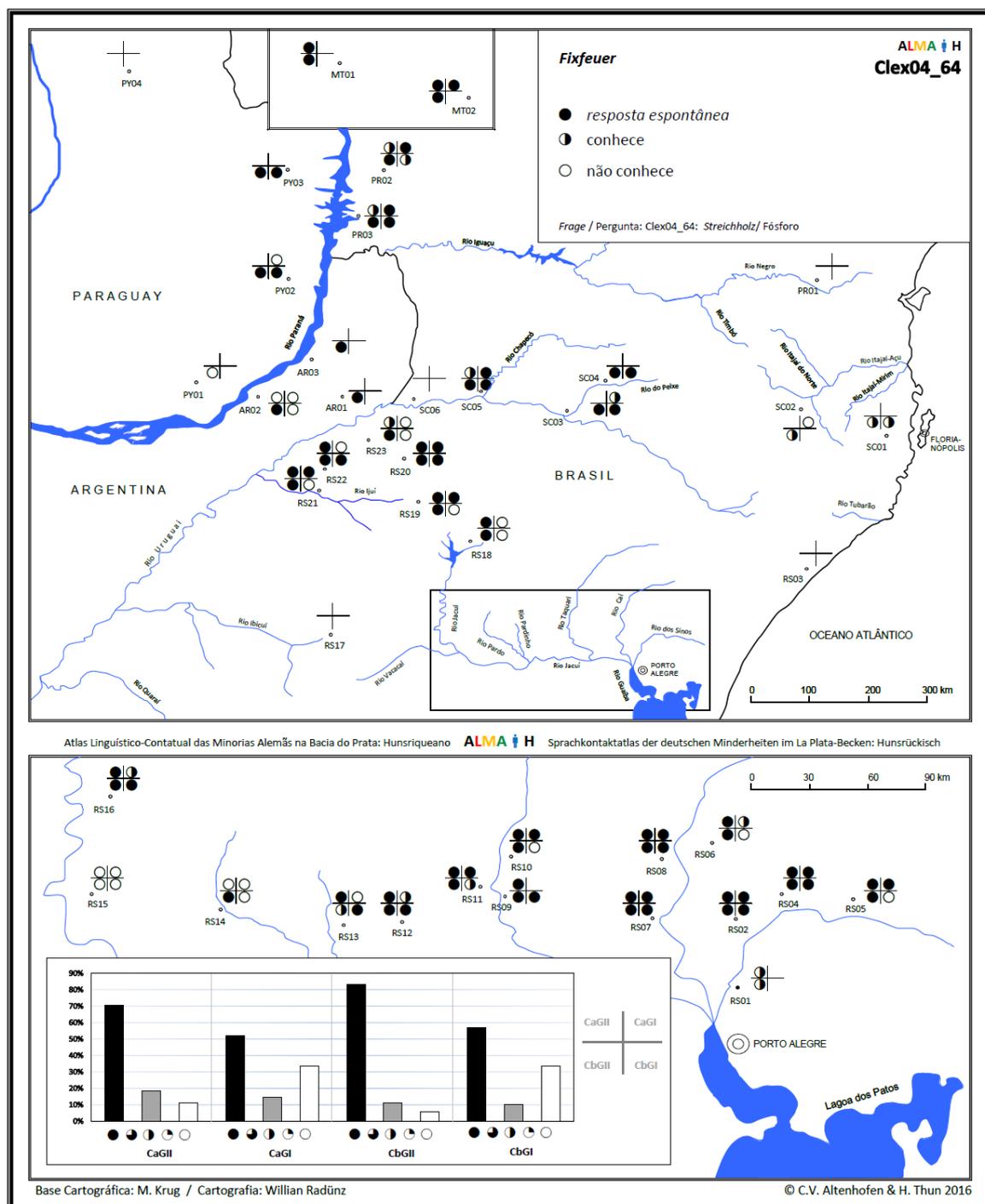
De modo geral, observa-se que as variantes regionais alemãs (germanismos) *Fixfeuer*, *Feuerzeug* e *Streichholz* aparecem mais nas respostas espontâneas da geração

mais velha GII, em especial no grupo CbGII. O possível hibridismo *Fosfeuer*, o empréstimo integrado *Fosfer* e o empréstimo não integrado *Fósforo* são mais utilizados pela geração GI, em especial por CaGI. Ou seja, a geração mais jovem usa mais variantes resultantes do contato linguístico, o que sugere uma maior lusitanização desse grupo. A seguir analisamos em detalhe as seis variantes mais frequente

3.3.1 Variante *Fixfeuer/Fixfeier*

A porcentagem de ocorrências para a variante regional alemã [+dialetal] *Fixfeuer* em GII é de 71.1%, portanto 20.35% maior do que a média de ocorrências de GI, que é de 50.75 %. Utilizando o teste de hipóteses de comparação de duas proporções, com significância de 5 %, conclui-se que há evidências de que existe uma mudança em tempo aparente em curso, na mesocronologia, na direção da redução do uso ou da perda dessa variante. Esse resultado vem também ao encontro de vários comentários dos falantes, que associam o uso dessa variante à geração mais velha, aos seus pais, avós. Além disso, percebe-se também que a variante é mais usada por informantes com menor escolaridade, tanto quando se trata da geração mais jovem, quanto da geração mais velha. Quando se trata da geração mais velha, observa-se com uma significância de 5%, que a escolaridade também tem um papel significativo no uso da variante.

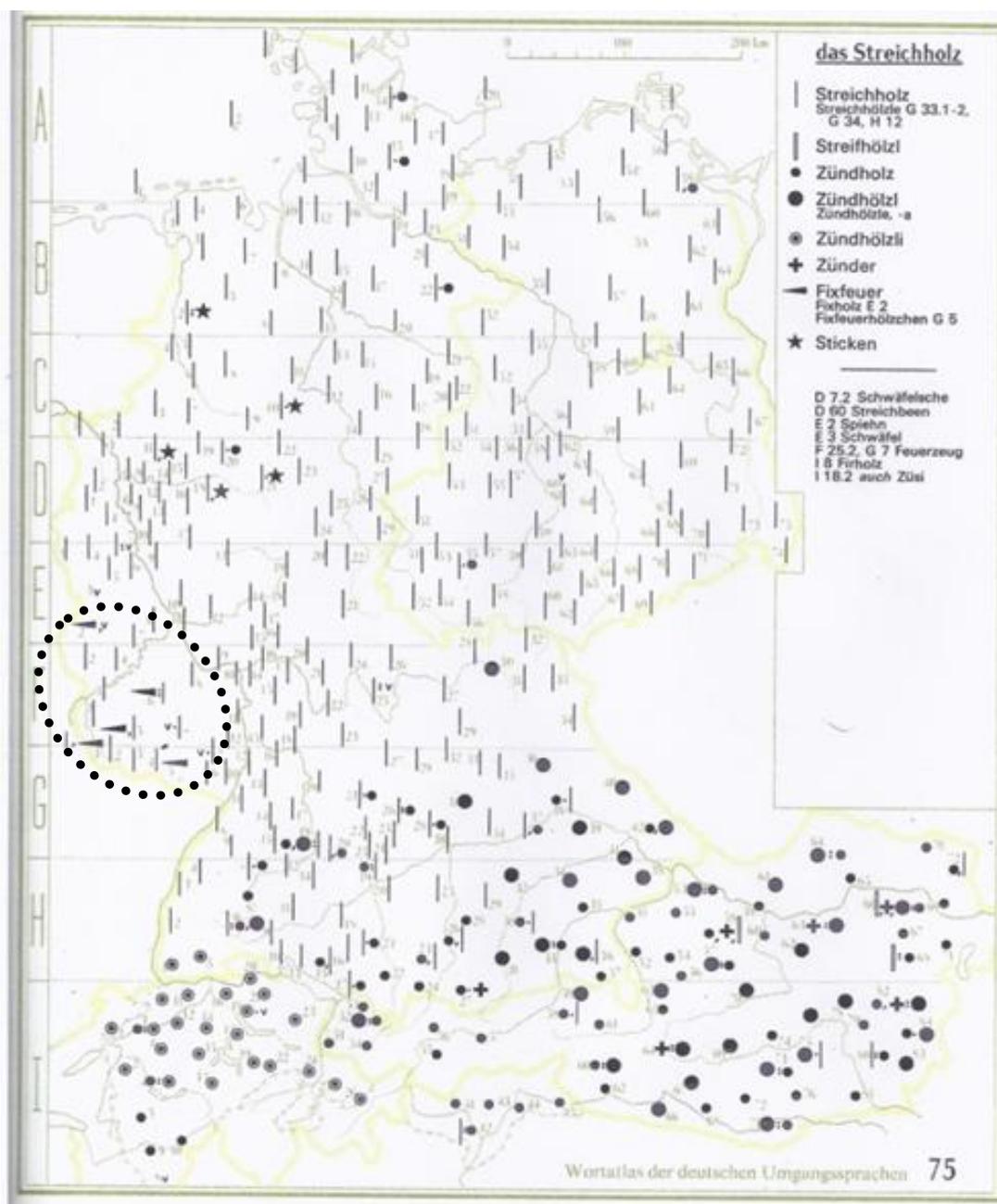
Como se pode verificar no mapa 7 (a seguir), a alta frequência de uso da variante *Fixfeuer* se estende por toda a área do ALMA-H, até o Mato Grosso do Sul, Argentina e Paraguay, com exceção do hunsriqueano leste-catarinense (que apresenta exclusivamente o conhecimento passivo dessas formas), bem como do ponto RS15, onde a forma *Fixfeuer* se mostra totalmente desconhecida. Em alguns pontos das colônias novas e da subárea deutsch (parte oeste das colônias velhas), observa-se já o desconhecimento e conseqüente perda da variante *Fixfeuer* na geração mais jovem.

Mapa 07: Ocorrência da variante *Fixfeuer*, no hunsriqueano.

A variante *Fixfeuer* é a mais típica e a mais característica no uso da comunidade hunsriqueana para a denominação de <fósforo>. Através das imigrações internas essa variante [+dialeto] espalhou-se pelo Brasil, alcançando Argentina e Paraguai e ocupando atualmente uma área de uso em extensão no Brasil maior do que a toda a Alemanha. Considerando ainda o Mapa 7 e dados do contingente populacional de hunsriqueanos que migraram para a área das colônias velhas, acreditamos que a fonte

difusora primeira de Fixfeuer na Bacia do Prata tenha sido provavelmente a região das colônias mais velhas, embora os primeiros falantes que ocuparam essa região não associassem *Fixfeuer* com fósforo, dado que essa tecnologia não lhes era ainda conhecida. Por fim, vale a penas destacar que atualmente na Alemanha a variante encontra-se em desaparecimento e é restrita à região do Hunsrück e proximidades, aspecto que podemos observar no mapa abaixo.

Mapa 08: Mapa das variantes de <Streichholz> ‘Fósforo’ da matriz de base alemã, com entrevistas realizadas no início da década de 70

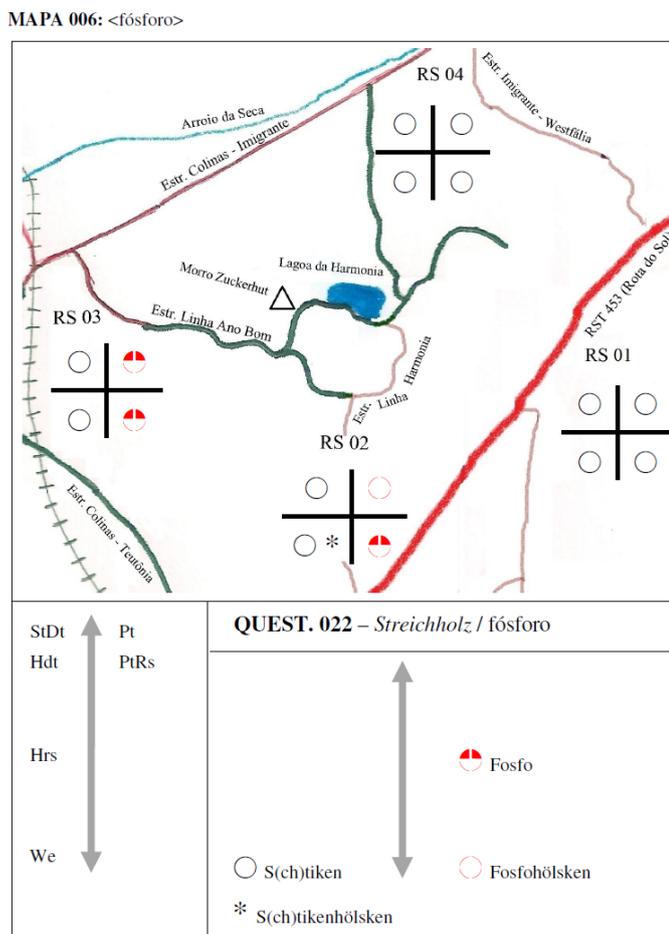


Fonte: Adaptado de Eichhoff (1977). Círculo tracejado feito pelo autor deste trabalho.

3.3.2 Variante *Fosfer*

A variante *Fosfer* apresenta aparentemente um comportamento semelhante ao de *Fixfeuer* em termos de difusão no espaço. O ponto RS04 (Santa Maria do Herval) não contempla essa variante. Harmonia, Feliz, Agudo e Arroio do Tigre apresentam somente um grupo que faz uso ativo desta forma, ao passo que os demais grupos desses pontos não a conhecem nem na resposta espontânea, nem na sugestão. Também não se conhece essa forma no hunsriqueano leste-catarinense. Parece haver uma concentração relevante nas colônias novas do Rio Grande do Sul, o que denota um avanço da influência do português. Tal tendência de mudança em curso para o uso da forma lusófona, na geração mais jovem, também é observada no vestfaliano, por Horst (2014):

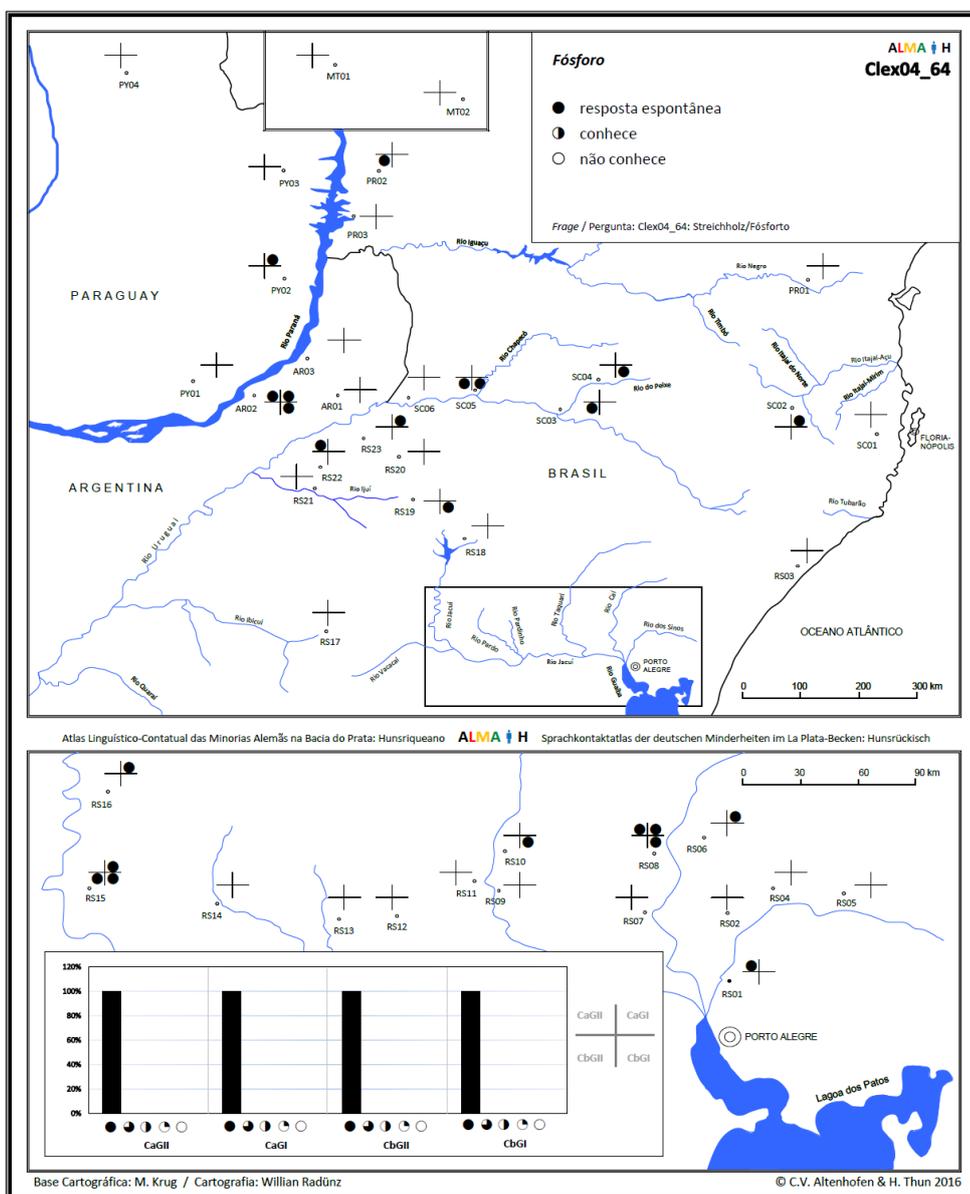
Mapa 09: Ocorrência da variante *Fosfo* no vestfaliano, segundo Horst (2014)



Nos pontos da Argentina e do Paraguai, a variante *Fosfer* é, de modo geral, somente conhecida, o que reflete, de certo modo, a situação nas colônias novas.

No caso do empréstimo não integrado *Fósforo*, constata-se um maior número de ocorrências especialmente no grupo CaGI. Nesse caso, não só a geração mais jovem mas também a escolaridade parece desempenhar um papel relevante no maior uso desse empréstimo, mas não de modo estatisticamente significativo. Entendemos, contudo, que a maior escolaridade dos falantes de hunsriqueano contribuiu de um modo possivelmente indireto para a redução dos usos de variedade, provavelmente pelo pouco prestígio da variedade e pelos falantes não poderem fazer as suas vidas nessa língua.

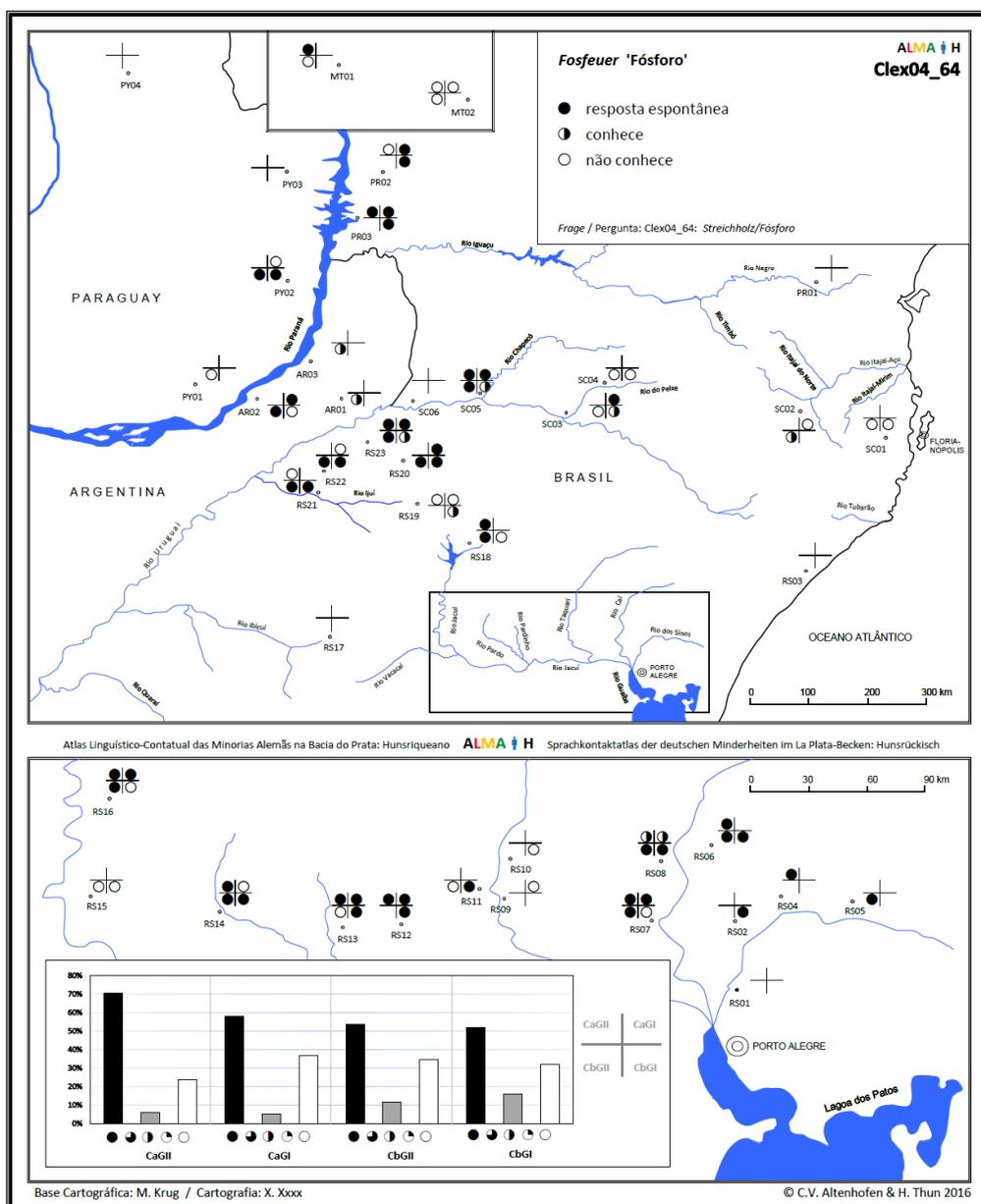
Mapa 10: Ocorrência da variante *Fósforo*, no hunsriqueano.



3.3.3 Variante *Fosfeuer/Fosfeier*

O conhecimento do possível hibridismo *Fosfeuer/Fosfeier* é bastante difundido na rede de pontos pesquisada, sendo uma variante típica da(s) comunidade(s) hunsriqueana(s) no Brasil. Ela apresenta um menor número de ocorrências nas colônias velhas e no leste de Santa Catarina, o que por pode indicar que a variante seja um hibridismo mais recente. RS09, RS10 e RS15 desconhecem a variante.

Mapa 11: Ocorrência da variante *Fosfeuer/Fosfeier* no hunsriqueano



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mudanças linguísticas não ocorrem de uma hora para outra e não ocorrem de forma homogênea em todas as localidades de uma área (conclusão que remonta os primeiros estudos dialetológicos de Jules Gilliéron e Georg Wenker, de quem tive a satisfação neste trabalho de utilizar-me de dados); e não ocorrem também de maneira homogênea em grupos sociolinguísticos. No caso estudado, apesar do intenso contato linguístico do Hunsrückisch com o português e o espanhol e das políticas linguísticas desses estados nacionais, observa-se que a variante mais típica da região do Hunsrück – *Fixfeuer* – apresenta a mais alta frequência de uso e está muito bem difundida em todas as localidades pesquisadas e por todos os grupos sociais, mesmo quase 200 anos após a chegada das primeiras levas de imigrantes. Supomos inicialmente para *Fixfeuer* assim como para variante *Schnellfeuer* (ambas significam fazer ‘fazer fogo rápido’) que se tratasse de neologismos. Esta hipótese, contudo, nos dois exemplos, se mostrou equivocada. Apesar da contundente ampliação lexical sofrida pelo Hunsrückisch em contato com o português e o espanhol destacada nos primeiros estudos lexicais desse contato, é importantíssimo destacar a manutenção de regionalismos. O aspecto identitário parece desempenhar um papel central na manutenção e difusão da variante *Fixfeuer*, ponto destacado nos comentários de vários entrevistados. Várias foram as vezes que essa variante era caracterizada pelos mesmos falantes como a mais característica do Hunsrückisch na sua comunidade.

A diversidade de variantes observadas para <Fósforo/Streichholz> pode, como vimos, estar associada principalmente à grande *quantidade de variantes presentes na matriz de origem* (como mostra os mapas 3 e 4), a *história social* e aos diferentes *contatos linguísticos* estabelecidos com diferentes variedades do português, espanhol e de outras variedades de imigração alemã, na área de pesquisa, embora não tenhamos registrado nenhum hispanismo para a variável em questão, o que nos parece indicar, juntamente a dados extralinguísticos, ao menos ainda nas gerações mais velhas, na

contundente influência das colônias no Brasil de onde os falantes ou a família dos entrevistados eram provenientes.

A análise da dimensão diatópica evidencia uma *difusão de variantes por meio das migrações* dos falantes e uma *territorialização* das mesmas nas diferentes localidades pesquisadas, que segue uma certa lógica, em que as subáreas definidas por Altenhofen (prelo) se mostraram especialmente relevantes. Essas territorializações são variáveis, de modo a ser possível identificar regiões com maior ou menor presença de certas variantes lexicais. O hunsriqueano leste-catarinense e as colônias mais antigas parecem manter com mais clareza o uso de variantes regionais alemãs, ao passo que as colônias mais recentes usam mais variantes resultantes de processos de ampliação lexical, principalmente empréstimos não integrados. Ou seja, já há, nas colônias novas, uma presença/influência mais acentuada do português.

Na dimensão diageracional, as *variantes regionais alemãs* apareceram com uma frequência maior no uso da *geração mais velha (GII)*. Por outro lado, as *variantes resultantes de processos de ampliação lexical* (como hibridismos, empréstimos não integrados e integrados), nessa ordem, são mais usados pela *geração mais jovem (GI)*. Portanto, pode-se afirmar que existe uma *mudança em curso de GII para GI*, ou seja, uma tendência de perda das variantes regionais alemãs e substituição por variantes resultantes de processos de ampliação lexical (empréstimos não integrados, hibridismos e empréstimos integrados).

Por fim, na dimensão diastrática, observa-se uma tendência de quanto maior for a *escolaridade*, menor será o uso de variantes regionais alemãs e maior será o uso de variantes resultantes de processos de ampliação lexical (empréstimos não integrados, hibridismos e empréstimos integrados, nessa ordem.).

Como observamos na seção teórica, o termo *Fixfeuer* e *Feuerzeug*, quando trazido pelos primeiros imigrantes, provavelmente era utilizado para outras tecnologias de se fazer fogo que não o fósforo, uma vez que essa tecnologia passou a ser produzida industrialmente na Alemanha somente a partir de 1833. Acredito que, com a chegada mais tardia de outras levas de imigrantes da região da Renânia, que já associavam *Fixfeuer* e *Feuerzeug* com fósforo e o uso mais tardio dessa tecnologia no Brasil tenha produzido uma transferência de significado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Janaina Ramos. Neologia Lexical: Um estudo da fala e da vida de bilíngues português-fala dialetal italiana (RCI- RS). Dissertação de mestrado, Universidade de Caxias do Sul – UCS, 7 de setembro de 2005.

ALTENHOFEN, Cléo V. Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.

ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.). Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil. v. 1: Introdução; v. 2: Cartas fonéticas e morfossintáticas. Porto Alegre : Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Curitiba : Editora da Universidade Federal do Paraná UFPR; Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2002.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. A constituição do corpus para um “Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata”. In: Martius-Staden-Jahrbuch, São Paulo, n. 51, p. 135-165, 2004a.

ALTENHOFEN, Cléo V. Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Brasil. In: Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI), Frankfurt a.M., n. 1(3), p. 83-93, 2004b.

ALTENHOFEN, C. V; FREY, J.;KÄFER, L.; NEUMANN, G.; SPINASSÉ, K. P. Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. In: Revista Contingentia, Vol. II, S. 73-87, 2007.

ALTENHOFEN, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine et al. (orgs.). Política e políticas linguísticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 93-116.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen*. In: LENZ, Alexandra N. (Hg.). *German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Göttingen: V & R unipress; Vienna University Press, 2016. p. 103-130. [No prelo]

ALTENHOFEN, Cléo V. & MORELLO, Rosângela. Rumos e perspectivas das políticas linguísticas para línguas minoritárias no Brasil: entre a perda e o inventário de línguas. In: Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas (6. : 2013 nov. 23-25: Porto Alegre, RS) Nalú Farenzena (org.). *Porto Alegre: UFRGS, 2013. p. 19-26.*

ALTENHOFEN, Cléo V. & THUN, Harald. *As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil e Bacia do Prata*. In: [AGUILERA, Vanderci & ROMANO, Valter (eds.). *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados (vol. 3)*.] Londrina: EDUEL, 2016.

BETZ, W. *Lateinisch und Deutsch*. Bonn, 1949.

BIDERMAN, Maria Tereza C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana M. P. P. de O.; ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.) *As ciências do léxico*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001a. p.13-31.

BIDERMAN, Maria Tereza C. *Teoria lingüística: leitura e crítica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

DÜCK, Elvine Siemens. *Vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com variedades standard faladas em comunidades menonitas no Brasil*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Programa de Pós-Graduação em Letras, 2011. 335 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/35085>.

FAUSEL, Erich. *Die Deutschbasilianische Sprachmischung. Probleme, Vorgang und Wortbestand*. X, 230 pág. Erich Schmidt Verlag. Berlin, 1959.

GERTZ, René E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991.

GERTZ, R. E. (2004): A construção de uma nova cidadania. In: MAUCH, C. und VASCONCELLOS, N. (Org.). Capítulos de História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. da UFRGS. S. 347-368

GERTZ, René. Imprensa e imigração alemã. In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio e TRAMONTINI, Marcos Justo (orgs.). Imigração e imprensa: XV Simpósio de História da Imigração e Colonização. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004. p. 100-122.

HAUGEN, E. Bilingualism in the Americas. Alabama, 1956.

HORST, Aline. Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/102193>.

KÖNIG, Werner [u. a.]. Dtv-Atlas zur deutschen Sprache. 6. Aufl. München : Deutscher Taschenbuch Verlag, 1985. 250 p.

KREUTZ, Lúcio. Modelo de uma igreja imigrante: educação e escola. In: DREHER, Martin N. (Org.). Populações rio-grandenses e modelos de igreja. Porto Alegre: Edições EST; São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 201-217.

LENZ, Alexandra N. Zur Struktur des Westmitteldeutschen Substandards - Dynamik von Varietäten. In: SCHMIDT, Jürgen E., EGGERS, Eckhard & STELLMACHER, Dieter [orgs.]. Moderne Dialekte- Neue Dialektologie, Stuttgart, Franz Steiner, 2005. p. 253-265.

MORELLO, R; OLIVEIRA, G. Uma Política Patrimonial e de Registro para as Línguas Brasileiras. In: Linguagem. Revista de Popularização Científica em Ciências da Linguagem, 2007, p. 2-12.

[http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao01/artigos_politicapatrimonial.htm am 26. Mai 2011]

OLIVEIRA, Gilvan Müller de 2007. A ‘virada político-lingüística’ e relevância social da lingüística e dos lingüistas. In: CORREA, Djane Antonucci (org.). A Relevância Social da Lingüística: Linguagem, Teoria e Ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 79 – 93.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de & ALTENHOFEN, Cléo V. O in vitro e o in vivo na política da diversidade lingüística do Brasil: inserção e exclusão do plurilingüismo na educação e na sociedade. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.). Os contatos lingüísticos no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 187-216.

OLIVEIRA, Gilvan Müller. A Cooficialização de línguas em nível municipal no Brasil: direitos lingüísticos, inclusão, cidadania. In: MORELLO, Leis e Línguas no Brasil: O processo de cooficialização e suas potencialidades. Florianópolis:IPOL, 2015, pág. 140.

RIEHL, C.M. 2009. Sprachkontaktforschung. Eine Einführung. 2ª ed., Tübingen, Narr, 246 p.

SCHMIDT, Jürgen Erich & HERRGEN, Joachim. Sprachdynamik: Eine Einführung in die moderne Regionalsprachenforschung. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2011. 464 p.

STEFFEN, Joachim; ALTENHOFEN, Cléo V. *Spracharchipele des Deutschen in Lateinamerika: Dynamik der Sprachvernetzungen im mehrsprachigen Raum*. In: ZDL (Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik), Stuttgart, Bd. 81, Heft 1, p. 34-60, 2014.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds.). Language mapping. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010a. p. 506-523.

THUN, Harald. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Erich (eds.). Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation. Vol. 1: Theories and methods. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010b. p. 706-723.

THUN, Harald & ELIZAINCÍN, Adolfo. Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). Kiel: Westensee, 2000.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21. : 1995 : Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen : Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729

THUN, Harald. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). Para uma história do português brasileiro, volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

WIESINGER, Peter. Die Einteilung der deutschen Dialekte. In: Besch, Werner et al. (Hrsg.) Dialektologie. Ein Handbuch zur deutschen und allgemeinen Dialektforschung. 2. Halbbd. Berlin; New York: de Gruyter, 1983. p. 807-900. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft; 1.2.)